

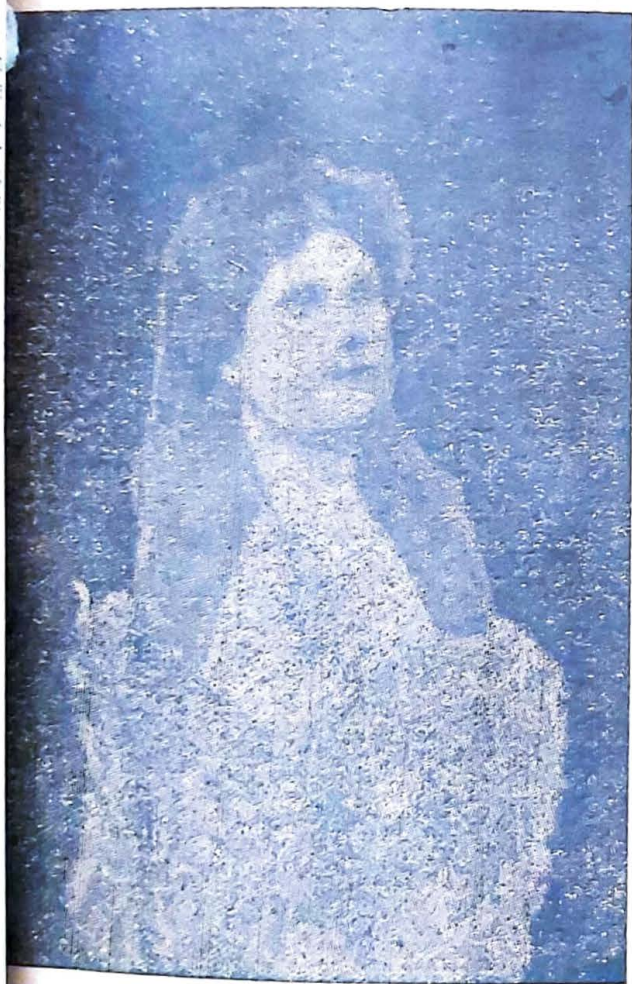
Revista de Espiritismo

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Paleotécnica
Metapsíquica
Esoterismo
Ética

Março-Abril

ANO -1929



TÁSIA — Fotografia dum espírito que acompanhou
constantemente os trabalhos metapsíquicos do Dr.
Chorowicz, professor da Universidade de Lemberg

SUMARIO: Os Métodos de Investigação do Mundo Espiritual — PEDRO C
DIA; Da Existência e Imortalidade da Alma — CAPITÃO A. GOI
UARTE; Experiências Metapsíquicas: Apports — D. MADALENA FRONDONI LACOMBE; P
a de Luz! — D. MARIA O'NEILL; O Espírito é a Verdade — EUGÉNIO TAVARES; Carta
r. Fernando de Sousa — DR.^a D. AMÉLIA CARDIA; O Espiritismo e a Arte (Médiuns P
ores), II, Agostinho Lesage — PEDRO CARDIA; Inquérito, VI — DEPOIMENTO DO SR. ANI
PERT; O Sonho de Prometheus — AUGUSTO J. VIEIRA; Dr. Afonso A. Martins Velh

2

Revista de Espiritismo

Metapsiquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Editor: — *José Pereira Serra*

Administradores: { *António Castanheira de Moura*
Policarpo Salvador de Almeida

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. António J. Freire*
— *António L. Vilela.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni*
Lacombe — D. Quintin López Gomez — Dr. Carneiro de Moura — Dr.
João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão
A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Al-
buquerque — Pedro Carreira Dias de Sousa — A. A. de Freitas e Silva —
Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos
— Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata
Severiano Ivens Ferraz — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão
Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.

ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (>)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — Praça dos Restauradores, 17

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

ESPAÑHA — Agente geral: DON JUAN TORRAS SERRA — Avenida 11
de Novembro, 81 — Sabadell — Barcelona

BRASIL — Agente geral: JOSÉ TOMAZ DE LIMA — Avenida Passos, 30 —
Rio de Janeiro

FRANÇA — Agente geral: MANUEL DE COSTA SOARES — Rue des Ber-
nardins, 9 — Paris (V.^e)

Este número foi visado pela co-
missão de censura de Leiria.

Comp. e imp.
TIP CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

Os métodos de investigação do mundo espiritual

No momento que passa, em que de todos os lados surgem correntes redentoras de espiritualidade, que hão de conduzir a humanidade a um progresso mais acentuado em todos os ramos do conhecimento, especificadamente no campo moral, impõe-se-nos uma análise crítica, muito embora sumária, dos processos de investigação do mundo espiritual, donde incontestavelmente são insufladas as correntes vitais que alimentam êsses movimentos espiritualistas.

Êsses métodos de investigação acham-se registados na história do mundo desde a mais remota antiguidade, quasi sempre aliados às mais vetustas religiões. A sua revivescência deu-se, porém, após o advento do Espiritismo moderno, com as assombrosas manifestações observadas em 1848 na América com as irmãs Fox, época gloriosa da humanidade que se vai achar perpetuada num monumento em Hydesville, erigido a expensas de todos os espíritas do mundo. Foi após essas manifestações que também floresceram as outras correntes neo-espiritualistas modernas, sendo a Sociedade Teosófica, representante de uma delas, fundada sôbre bases recebidas mediúnicamente, por escrita automática, por Madame Helena P. Blavatski.

As filosofias do iluminado Rosakreutz, que na Idade-média se tinham espalhado essencialmente na Alemanha, e as de Luís Cláudio Saint-Martin, que na França se difundiram no fim do século XVIII, depois dum longo período de retrocesso, resultante das perseguições sofridas pelos seus adeptos, reviveram igualmente no rosacrucianismo e martinismo modernos, concorrentes com a teosofia e o espiritismo na difusão dos princípios fundamentais em que se baseia todo o neo-espiritualismo contemporâneo:

Existência de Deus, Causa Suprema de todas as causas. Existência e immortalidade da alma, submetida à grande lei da evolução espiritual através de múltiplas reencarnações, condicionadas umas pelas outras, tendo como objectivo a felicidade humana e como fundamento a prática da lei do amor a Deus e ao próximo, sintetizada nos preceitos cristãos que enunciaremos: não façamos aos outros o que não quizermos que nos façam e façamos-lhes o que desejaríamos que nos fizessem.

Posteriormente, já nos fins do século passado e no princípio dêste, surge um outro iluminado de valor, que teve a Austria por berço e se chamou Rudolf Steiner, difundindo doutrinas científicas com as mesmas leis fundamentais e baseadas em processos experimentais análogos aos teosóficos, mas com aplicações práticas dum alcance extraordinário na medicina, na pedagogia, na física, na química, na agricultura, etc. A feição prática, pragmatista, dos seus métodos, reservará, por certo, à antroposofia — nome por que Steiner designou a nova ciência espiritual — um futuro brilhantissimo.

O que pretendemos abordar neste artigo é a comparação dos processos experimentais em que assentam estas correntes neo-espiritualistas e aqueles em que se baseia o espiritismo.

Enquanto que o espiritismo procura estudar, analisar, comparar e concretizar as manifestações espontâneas e provocadas, observadas em todos os cantos da Terra, através de indivíduos espontâneamente dotados, em maior ou menor grau, de faculdades medianímicas que permitam aos desincarnados comunicarem-se com os vivos, os adeptos das outras correntes pretendem alcançar, por treinos especiais de concentração e meditação, faculdades supra-sensíveis que lhes permitam entrar conscientemente em contacto com o mundo espiritual e colhêr dos arquivos akásicos, representativos da memória geral em que ficariam gravados todos os acontecimentos, os elementos necessários para a reconstituição da história individual e colectiva da humanidade desde as origens e destrinçar as correlações kármicas que sôbre ela pendem e determinam o seu futuro.

Para alcançar estas faculdades suprasensoriais e a possibilidade de visão pantomnésica é indispensável, porém, uma depuração incessante dos pensamentos, actos e intenções, exemplificando e vivendo tôda a lei moral, quando se não recorra a processos mágicos, perigosos e incompatíveis com a alta finalidade que se pretende atingir. Infelizmente, raros são os que atingem êsses estados de superconsciência, que a-final não são mais do que uma mediunidade—a clarividência—se considerarmos o médium, como é geralmente admitido—impròpriamente é certo— não só o medianeiro que permita aos desincarnados manifestarem-se no mundo físico, como também o indivíduo dotado de faculdades supranormais, independentes do espaço e do tempo, designadas genêricamente em metapsíquica pelos nomes de criptestésia e metagnomia, etc.

Acontece freqüentemente que, durante estes treinos, alguns indivíduos, embora sinceros e cheios de boa vontade, visualizam criações fantasiosas do seu espírito, ávido do desconhecido, descrevendo visões que, repousando por vezes nos conhecimentos apreendidos em leituras da obra dos seus mestres, se afastam todavia em absoluto da realidade. Outras vezes sucede que aqueles indivíduos que se puseram realmente em contacto com o mundo espiritual entram num meio onde as produções ideoplásticas abundam e se misturam de modo tal com as realidades persistentes, que caem no grosseiro êrro de tomarem as criações efêmeras e transitórias do pensamento, cuja vida termina quando a vontade que as dinamizou cessou de actuar, pelas formas indestrutíveis que povoam êsse plano de existência, descrevendo-o, assim, com os mais desencontrados scenários.

Nós sabemos, pelas revelações transcendentais dos desincarnados que se comunicam, que, após a morte, se desenrola perante a sua vista deslumbrada e atônita, a visão panorâmica da sua vida inteira, com a sua correspondente reacção, segundo o bom ou mau uso que fizeram do seu livre arbítrio, visão essa que pode anteceder ou seguir-se ao periodo de entorpecimento e sono que uniformemente se dá depois da morte, com maior ou menor duração, conforme o espírito estava melhor ou peor preparado para essa transformação de existência e segundo a morte foi mais ou menos violenta ou dolorosa.

Sabemos igualmente pela mesma fonte de informação, que os desincarnados teem a possibilidade de criar ideoplásticamente, antes de entrarem na existência puramente espiritual, um meio transitório entre o mundo físico e astral, cujas condições de existência se assemelham muito às do mundo físico.

Aos clarividentes vulgares e pouco desenvolvidos deve ser difficilimo distinguir o real do aparente, o persistente do efêmero. Isto não significa que

duvidemos de grande número de ensinamentos fornecidos por grandes clarividentes como a sr.^a Annie Besant, Leadbeater e Steiner. Se dêles duvidássemos teríamos a contraprova da sua verdade nos resultados que a experiência confirmou como exactos. Não podemos todavia aceitar incondicionalmente os resultados de todas essas investigações do mundo espiritual porque elas não condizem em absoluto, o que deveria necessariamente acontecer se correspondessem a uma realidade incontrovertida. As divergências de pontos de vista entre a teosofia e a antroposofia, por exemplo, levam-nos à conclusão de que o conhecimento deve provir duma comunicação intermental consciente entre o clarividente e uma entidade espiritual, e são as fontes de informação que determinam o antagonismo das concepções sob certos aspectos; porque seria inaceitável que a visão pantomnésica não conduzisse a resultados idênticos, tendo os indivíduos, cuja boa intenção não pode ser posta em dúvida, adquirido a sua superconsciência clarividente pela exemplificação de todas as virtudes cristãs. Poderia objectar-se-nos que a desigualdade de faculdades supra-sensoriais determinaria erros de apreciação, que se reflectiriam nos conhecimentos adquiridos. E esse facto é real porque os clarividentes desta natureza corrigem as suas narrações, ampliando-lhe os pormenores. Todavia, quando as divergências não são de detalhe, mas fundamentais, nós só poderemos compreendê-las como emanadas de várias origens e assim é que formulamos a hipótese de que os ensinamentos obtidos por essa via se reduzam, em última análise, a comunicações entre seres desincarnados muito evoluídos e seres incarnados que pelo seu esforço no sentido do aperfeiçoamento possam sintonizar as suas vibrações com os dêsses amantíssimos guias da humanidade.

Sabemos praticamente que, nas sessões espíritas experimentais, nunca é possível obter comunicações de espíritos muito evolucionados, a não ser quando os componentes do grupo são moralmente evoluídos e a ambiência psíquica dos assistentes é harmónica. A memorável experiência de materialização realizada em Cristiânia por um numeroso grupo de professores da Universidade, médicos, magistrados, escritores e pastores luteranos, com o célebre médium, M.^{me} d'Esperance, para a observação da qual se submeteram voluntariamente os seus componentes, durante seis meses, a um regime rigorosamente abstencionista, inspirado por um fundo desejo de elevação moral, é uma cabal demonstração da influência das intenções nobres e levantadas dos que procuram investigar o mundo espiritual para que os trabalhos sejam férteis em resultados práticos e de largo alcance.

Como é sabido, uma das mais notáveis materializações registadas nos anais das sciências psíquicas, é a formosíssima «Kepenthés» que nesse grupo se apresentou, revelando a sua elevada hierarquia espiritual e dando simultaneamente provas da sua existência na época heróica da antiga Grécia, escrevendo pela sua própria mão materializada uma mensagem em grego antigo, língua inteiramente ignorada por todos os assistentes. Dir-nos-hão, por certo, que as instruções fornecidas pelos espíritos, são igualmente susceptíveis de erro, visto que as suas reacções características, variando de indivíduo para indivíduo, hão-de conduzir a resultados divergentes e, por vezes, contraditórios. Nas vulgares comunicações espíritas a divergência de conceitos explica-se facilmente pela desigualdade de opiniões pessoais características dos indivíduos que permanecem na vida póstuma o que eram, só insensível e gradualmente variando as suas concepções. Assim se explicam as opiniões dissemelhantes apresentadas pelos desincarnados sobre o princípio fundamental da reencarnação, por exemplo, que nos países anglo-saxónios só muito recentemente vai sendo aceite, e, mesmo assim, ainda com restrições, como no-lo demonstrou o relatório do 3.^o Congresso Espírita Internacional de Londres.

Todavia a continuidade de consciência havia necessariamente de levar a admitir futuros estádios em que o espírito, para se manifestar, teria de se revestir de novos corpos em função do seu estado evolutivo, providos de sentidos mais latos, que não restrinjam o conhecimento, como os de que dispomos na incarnação actual. E é razoável admitir que, desde que os nossos esforços tenham sido bem dinamizados no cumprimento da lei do nosso destino, as nossas futuras incarnações sejam, neste ou noutra planeta, em condições superiores às actuais; e que as nossas faculdades de conhecimento sejam tanto mais alargadas quanto mais elevado fôr o nosso estado consciencial, correlativo da responsabilidade.

O aparecimento espontâneo de indivíduos dotados, duma maneira inconstante, embora, de faculdades supranormais, constitui mesmo, para Bozzano e outros, uma prova — e não das menos convincentes — de que a clarividência, não tendo utilização imediata nas condições de existência actuais deverá ser praticamente utilizada em condições de existência espiritual em que se exercerá normalmente; o que é confirmado por inúmeras narrações de desincarnados, unânimes em afirmar a fusão, na vida póstuma, dos sentidos actuais e de outros insuspeitados, embora latentes, na maior parte dos vivos, num sentido panestésico único.

Comparando, portanto, os resultados obtidos na investigação do mundo espiritual com os processos espíritas e os processos ocultistas, somos levados, tendo em consideração a sua equivalência, o que se compreende visto as leis que regem fenómenos idênticos serem exactamente as mesmas, a formular as seguintes conclusões:

1.^a Que não se verifica a apregoada superioridade dos processos ocultistas sobre os processos espíritas na investigação do mundo espiritual porque êles estão, na realidade, como vimos, dependentes da informação de entidades cujo factor pessoal, influi poderosamente nas descrições dos clarividentes, tornando-as, por vezes, contraditórias, exactamente como acontece com as comunicações espíritas;

2.^a Que, pelo contrário, os fenómenos espíritas podem ser estudados em condições scientificamente mais rigorosas porque, embora obtidos através dum estado de inconsciência ou semi-inconsciência do médium, êles são observados pelos assistentes em condições de pleno raciocínio, ao passo que os contactos com o mundo espiritual, atingidos pelos investigadores de outras correntes neo-espiritualistas, admitindo a realidade do seu desdobramento, não permitem a demonstração duma completa independência e da ausência de causas perturbadoras, determinantes de erros, emanadas do meio inabitual em que incidentalmente se encontram;

3.^a Que na investigação do mundo espiritual devem aproveitar-se todos os elementos, obtidos por qualquer dos processos, que se corrigem e completam;

4.^a Que é inteiramente dependente da elevação moral e do progresso individual, o resultado de todas as investigações do mundo espiritual, seja qual fôr o método adoptado, constituindo, portanto, a base de toda a experiência profícua, o máximo esforço empregado na depuração individual e no bem da humanidade, para o que muito contribui a concentração e a meditação;

5.^a Que o espiritismo e todas as outras correntes neo-espiritualistas, devem confraternizar e irmanar-se dentro da mais completa independência no mesmo Ideal de progresso, animados da convicção de que teem uma missão especial a cumprir, preparando à humanidade o advento duma nova era de felicidade e paz.

Da Existência e Imortalidade da Alma

A crença na imortalidade da alma perde-se na mais remota antigüidade. Com efeito, desde os mais recuados tempos que o homem compreendeu que, para além do mundo que o cerca, que o seduz e embriaga com os seus múltiplos encantos e atractivos e que, decorrido mais ou menos tempo, é o depositário dos seus despojos materiais, há outros mundos e que se o seu invólucro carnal é levado, depois da morte, à desagregação para se integrar e confundir com os variadíssimos elementos constitutivos da matéria, a sua alma, o seu sêr pensante, não se aniquila, antes, rompidos os liames que o ligavam à matéria, adquire novas qualidades que o tornam infinitamente mais subtil. De facto, em todas as partes do nosso globo, mesmo até entre os mais atrasados selvagens, a crença na imortalidade do sêr pensante é princípio estabelecido e à volta dêste fulcro primordial giram todas as suas concepções religiosas, por mais atrasadas que as queiramos considerar.

Se nos detivermos a analisar as crenças e práticas religiosas de alguns povos, que viveram e floresceram há milhares de anos, vamos encontrar já entre êles um conceito relativamente elevado sôbre a vida do Além que um poeta védico definia como « local de alegria constante, de prazeres sem fim, onde os desejos se satisfazem logo que nascem, onde o ária fiel viverá eternamente ». Se atendermos a que estas palavras foram escritas há 3.500 anos, somos, sem dificuldade, levados a admitir que eram precisos tôda a ignorância e estúpido materialismo dos nossos dias para contestar uma verdade tão velha como o pensamento humano e peculiar a todas as raças. O *materialismo* não admitindo outra existência a não ser a da matéria, tem até entre os selvagens a sua mais absoluta negação, visto que não é preciso pertencer a uma raça civilizada e entregarmo-nos a altas especulações filosóficas para se poder admitir a existência de Deus e da alma que se nos revelam a cada passo.

Um facto interessante e que vem em auxílio da verdade da existência da alma é a coincidência maravilhosa de, na aurora de todas as civilizações, se encontrar a crença fundamental da existência e imortalidade da alma comum a todas elas, numa época em que não existia entre povos tão afastados nenhum meio de comunicação, facto que, como é óbvio, tornava a comunhão de pensamentos e de idéas, entre povos diferentes e afastados, extremamente difícil. Entre os egipcios, os chineses, os persas, os gregos e os romanos, encontramos o princípio da existência e imortalidade da alma, crença que, entre os primeiros, atravessando intacta as suas várias civilizações e resistindo a todas as influências vindas do exterior, remonta a 5.000 anos antes de J. C. A primitiva crença dos povos das margens do Baixo Nilo não admitia a morte senão como uma suspensão da vida; o corpo, imóvel durante algum tempo, retomava novamente a vida e ia habitar muito longe a oeste dêste mundo. Depois, mas ainda numa época muito remota, anteriormente mesmo às primeiras dinastias históricas, esta idéa modifica-se e crê-se então que uma parte do corpo sòmente ia ter uma segunda vida; não o primitivo corpo, mas um outro dêle proveniente, mais ligeiro, menos material e quási invisível. Daqui a necessidade da mumificação dos cadáveres, visto que o primitivo corpo representava a forma que o segundo devia manter no Além.

Foi pelos fins da XVIII dinastia (3064-1703 a. J. C.) que a casta sacerdotal, tendo necessidade de constituir um corpo de doutrinas e especialmente para conciliar todas as opiniões e várias hipóteses que até então se haviam formu-

lado, concebeu um sistema único, segundo o qual o corpo com o seu *duplo* foi considerado jazendo eternamente no túmulo, enquanto a alma — inteligência, ia viver a segunda vida com os deuses. Desta forma se substituiu à imortalidade do corpo a imortalidade da alma.

Entre os chineses, o sentimento da sobrevivência foi mais vivo do que em qualquer outro povo da antigüidade, e desde as mais remotas eras se rendeu culto, no Celeste Império, aos Espíritos e às almas dos antepassados. Confúcio, o grande filósofo que tão admiravelmente reformou os costumes e hábitos chineses, soube respeitar e encorajar tão maravilhosa crença e ele próprio baseou tôda a sua doutrina no culto dos antepassados. A propósito dêste grande reformador e moralista que viveu 500 anos antes de J. C., diz Delanne: « Não concebia a existência de espíritos puros; atribuía-lhes um envólucro semi-material e um corpo aeriforme ». Quando mais tarde o budismo cria raízes na China, assimilando as velhas crenças, o culto dos Espíritos e dos mortos continuou a ser mantido e respeitado, e a prová-lo estão algumas descrições traduzidas do chinês antigo, nas quais se narram as aparições de Buda a personagens de vida austera e santificada pela prece. A figura augusta da divindade mostra-se sempre duma brancura fascinante e envolta num nimbo de deslumbradora luz. Como se sabe os espíritos superiores teem um corpo espiritual dum incomparável esplendor, porque a sua substância fluidica é mais luminosa do que as mais rápidas vibrações do éter.

Se passarmos agora a analisar qual foi entre os persas a sua primitiva concepção religiosa vamos encontrar nas doutrinas do grande legislador Zoroastro o princípio da imortalidade consubstanciado nos dois espíritos primitivos, designados pelo *espírito do bem* e *espírito do mal*.

Na Grécia, onde tão elevado grau atingiram todas as expressões do pensamento humano, o conhecimento da verdade sôbre o mundo espiritual, vem da mais alta antigüidade. Uma tal concepção vamos encontrá-la já em narrativas que remontam aos chamados tempos heróicos. E assim é que, na *Ilíada*, vemos os moribundos profetizarem acontecimentos; e Aquiles, o mais bravo dos heróis do cêrco de Tróia, ser visitado na sua tenda pela alma de Patroclo que acabava de ser morto no campo de batalha. A maioria dos antigos filósofos gregos ensinou a imortalidade da alma. Para êles a humanidade era guiada por Espíritos mais ou menos evolucionados segundo a categoria mental dos indivíduos a quem assistiam. E a convicção de alguns dêsses sábios sôbre a verdade das doutrinas que ensinavam era tão grande que Sócrates, que deu a sua vida por amor da verdade, exemplo de todas as virtudes, tanto públicas como privadas, tendo sido proclamado, pelo oráculo de Delfos, o mais sábio dos homens, afirmou, até ao seu último instante, e já empunhando o copo da cicuta que o havia de matar, que *a prática do bem era o meio mais seguro de chegar à felicidade* e que *jâmais negaria a existência de um Deus, duma Providência e a imortalidade da alma*. Os seus discípulos propagaram e reproduziram fielmente as suas doutrinas, até que o mais ilustre dentre êles, Platão, nascido no ano 249 antes de J. C., funda a Academia, dá um maior incremento aos estudos filosóficos e define melhor as doutrinas do mestre. Segundo êste filósofo a alma sobrevive ao corpo mantendo a recordação do passado. Separada do corpo é ela feliz ou infeliz segundo o destino que a si própria se traçou; às almas que ainda não tenham merecido uma felicidade sem fim faculta a Providência uma nova prova de vida corporal, sem conhecimento da sua existência anterior.

Como acabamos de vêr há aproximadamente 2500 anos que Platão ensinava doutrinas sôbre a existência e imortalidade da alma já tão perfeitas e conformes com a razão pura que ainda hoje se mantem de pé e constituem a base sólida em que assentam as doutrinas espíritas hodiernas. E' que, se-

gundo Lamartine, « a verdade e a sabedoria não são nossas; descendo do céu aos corações escolhidos que são suscitados por Deus segundo as necessidades do tempo. »

Na Roma pagã, entre os primeiros cristãos, na escola neo-platónica de Alexandria que tentou a fusão das filosofias do Oriente e dos gregos, nos escritos de grande número de poetas medievais, especializando a Divina Comédia de Dante, em todos os tempos e por tóda a parte, enfim, encontramos aceite e definido o princípio da imortalidade da alma, que, em nossos dias, e graças ao desenvolvimento das sciências espíritas, viria a ter a sua mais cabal demonstração.

* * *

Como acabamos de vêr, em todos os tempos, nas regiões mais diversas e afastadas, entre povos de índole e estado de civilização diferentes, a crença de que a alma subsiste ao corpo, para, em planos diferentes, seguir a rota que lhe foi marcada pelo destino, (palavra que em espiritismo se exprime por **Karma**), foi geral. Nesta conformidade, bem se pode afirmar e sustentar, com tóda a fôrça da nossa fé, que uma tão consoladora crença, vinda de tão longe e através de meios diferentes, não é uma vã ilusão devida à nossa fantasia e suscitada pelo veemente e atormentado desejo que temos de penetrar o incognoscível e o misterioso, antes é uma realidade grandiosa, supremamente consoladora e sobejamente demonstrada por uma série de fenómenos psíquicos assás estudados no campo experimental e já racional e scientificamente sistematizados.

Para provar a existência e a sobrevivência da alma temos hoje mais do que um meio ao nosso alcance, tantos e tão grandes teem sido os progressos da metapsíquica nos últimos cinqüenta anos; mas basta citar, entre muitos, o seguinte factó ao alcance de todas as inteligências:

No nosso estado normal, ou, por outra, na vida ordinária, não são os nossos olhos que vêem, não são os nossos ouvidos que ouvem. Tanto o olho como o ouvido são meros instrumentos destinados a receber as vibrações trazidas até nós pela luz ou pelo som; por si só, são incapazes de nos fazer distinguir os objectos ou o som. E para prova basta considerar que se os órgãos receptores da luz ou do som fôrem inutilizados, a luz ou o ruído veem da mesma forma repercutir-se na retina ou no tímpano, mas o indivíduo não vê nem ouve. Tanto a vista como o ouvido são pois faculdades do espírito. E, de resto, podem exercer-se sem o concurso do corpo, visto que os sonâmbulos naturais ou artificiais vêem e ouvem a distância, donde alguns sábios concluem a existência de um novo sentido que se pode designar, e com propriedade, de *sexto sentido*.

Para algumas pessoas incrédulas ou ignorantes, para outras cultas mas scépticas, por sistema e para se não darem ao trabalho de reflectir com receio de arranjar locubrações que lhes perturbem as digestões e o sono, o princípio da imortalidade e sobrevivência da alma é uma verdade que, recebida muito embora dos antepassados, relegaram para a categoria das coisas inverosímeis. Tal doutrina, pois, nuns por ignorância e acanhamento de raciocínio, noutros por comodismo e por quererem blasonar de materialistas, não encontra fácil aceitação, quando é certo que um estudo, consciencioso e metódico das fôrças da natureza, fácilmente nos conduz a aceitar tais princípios como verdades absolutamente irrespondíveis. Allan Kardec, o grande mestre, cuja obra não é senão a compilação lógica de inúmeras experiências e documentos, e a quem Delanne classifica de *nosso instrutor espiritual*, prova no seu livro «*A Génese*», por uma série de estudos, maravilhosamente deduzidos e apoiados em dados rigorosamente scientificos, sôbre as fôrças, teoria

mecânica do calor, conservação de energia, etc., que nem uma única fracção de energia se perde, da mesma forma que nem um único átomo da matéria desaparece. Tanto energia como matéria se transformam apenas. Se, portanto, o nosso corpo, após a morte, é pasto de vermes e se decompõe integrando-se nos variadíssimos elementos constitutivos da matéria, a alma, o nosso sêr pensante, aquela energia de maravilhosos efeitos que anima o nosso corpo e rege as nossas acções, ao abandoná-lo, não se aniquila pelo mesmo princípio. Mas ouçamos Delanne no seu livro «L'Ame est Immortelle»: «Que magnífica confirmação a desta voz do espaço (refere-se a Allan Kardec) anunciando há cinqüenta anos, que a fôrça é eterna e que as séries dessemelhantes das suas acções teem uma resultante comum, confundindo-se com a geradora, isto é, com a lei universal! Assim pois, fôrça única, matéria única, infinitamente variadas nas suas manifestações, são as duas causas do mundo visível. Existe um outro invisível e sem pêso? Interroguemos ainda os nossos instrutores do Além; e êles responderão afirmativamente.»

Referindo-se à ignorância e à descrença diz ainda Delanne: «Interrogai ao acaso dez pessoas que passem na rua e perguntai-lhes quais são as operações sucessivas da digestão ou da respiração, podeis estar certos de que, nove entre dez, não vos poderão responder. Entretanto a instrução está já bastante difundida em nossos dias, mas quantos se dão ao trabalho de aprender ou de reflectir? Reconhecemos a existência duma coisa eficiente e directriz do universo, é a sublime inteligência que mantém a harmonia do cosmos pela sua vontade tôda poderosa, imutável, infinita, eterna. A alma, a fôrça e a matéria são igualmente eternas, não se podem aniquilar. A sciência estabeleceu a conservação da matéria e da energia e prova rigorosamente que são indestrutíveis, mas indefinidamente transformáveis; da mesma maneira o espiritismo estabelece a certeza da immortalidade, do eu pensante... A natureza da alma é-nos desconhecida, mas essa ignorância é, de resto, da mesma ordem e tão absoluta como a concernente à natureza da matéria ou à natureza da energia; somos, sem dúvida, incapazes, presentemente, de penetrar as causas primárias, é preciso pois contentarmo-nos em definir a alma, a matéria e a energia pelas suas manifestações, sem querer procurar se elas proveem umas das outras. Sim, temos uma alma imortal. Sim as vidas sucessivas sôbre a terra ou no espaço não são mais do que étapes sôbre a interminável estrada do progresso, e estamos verdadeiramente em marcha para destinos mais altos.»

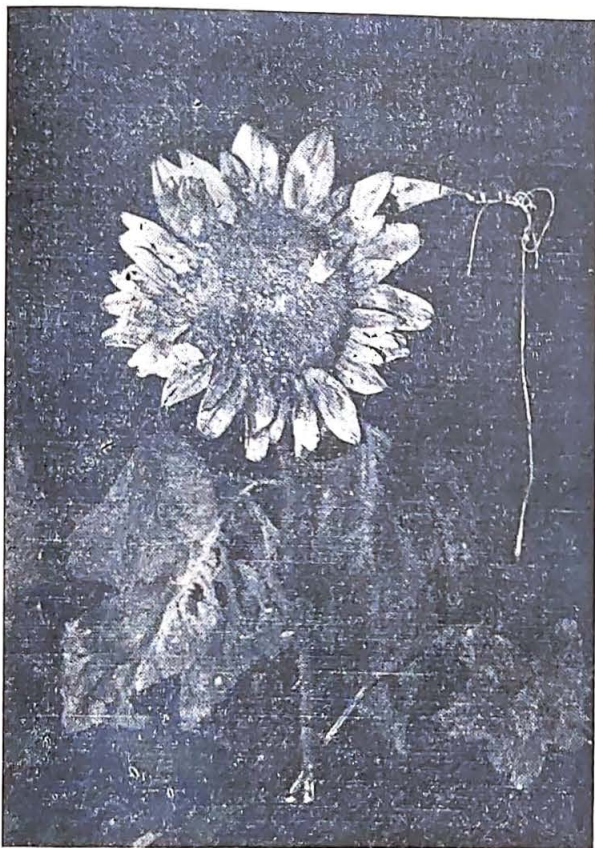
Mas quantos se dão ao trabalho de aprender ou de reflectir procurando saber o que nós somos, donde viemos e para onde vamos? Quantos, até entre as pessoas mais cultas, não esboçarão um sorriso de scepticismo ao falar-se-lhes na existência e immortalidade da alma? Quantos, à semelhança do indivíduo que ignora por completo como se operam as funções digestiva e de respiração, a-pesar-de serem fenómenos que permanentemente existem em nós, quantos ignoram, por comodismo ou cobardia moral, as sublimes leis do Karma e Reincarnacionismo? A fôrça da evolução, porém, obrigará, num futuro mais ou menos distante, a abrir os ouvidos a estas verdades a todos os incrédulos, a todos os scépticos, e então triunfará uma nova moral baseada no Amor, na Solidariedade e na Fraternidade, e também uma nova época em que o Espiritismo resplandecerá, qual outro sol, no nosso firmamento hoje ainda tão nublado por tôda uma série de preconceitos seculares e ridículos que impossibilitam muita gente de admitir em seus cérebros uma nova doutrina que vá beliscar, ao de leve mesmo, a sua crença religiosa ou quebrar a cadeia das tradições.

O Espiritismo é já hoje uma *sciência* e, como tal, temos de o admitir como um conjunto de conhecimentos, controlados e sistematizados pela aplicação do método positivo.

Experiências Metapsíquicas

V I I

APPORTS



Apport dum girasol

Foi na noite de 25 de Junho de 1917. Além dos fenómenos já indicados nas outras experiências, houve outra passagem de flôr que mais uma vez nos admirou pelas suas dimensões. Trata-se dum enorme girassol como indica a gravura aqui inclusa e que eu levava de minha casa. Este girassol parece ter passado com a mesma facilidade do gabinete do professor para o corredor, atravessando muros e a porta. Lá apareceu no corredor e mais longe do que o costume.

Não tentaremos explicar nem êste facto nem nenhum dos outros! Existe certamente tanto mistério na passagem dum palhinha através de portas e muros como na passagem dum alcachofra ou dum girassol, mas parece-nos à nossa limitada compreensão, à nossa completa ignorância da causa dessa espécie de fenómenos, chamados psíquicos, que foi talvez mais preciso para executar êste último fenómeno um

esfôrço maior do que o dispendido para flôres mais pequenas.

Não resisto à tentação de citar mais uma sessão da mesma natureza por causa dum pormenor interessante.

O professor Feijão, apresentava dúvidas, com respeito à passagem da matéria através da matéria; admitia a possibilidade de entidades invisíveis que abriam e fechavam as portas sem ruído, para executarem a passagem de qualquer coisa. Mas não a desmaterialização dêsse objecto. Como o professor, sua espôsa e todo o pessoal tivessem ido para Santarém, as sessões em casa dêses meus amigos tinham sido interrompidas; porém no dia 28 de Julho, o professor que era um dos examinadores da Faculdade de Medicina, veio a Lisboa para proceder aos exames. Aproveitei a ocasião para lhe telefonar e pedir-lhe, que me dedicasse a noite para mais uma experiência psíquica. Aceitou e eis o resultado:

Antes de partir para a sessão tive a idéa, de, em minha casa, com o auxílio de meu marido, consultar a mesa de três pés que, por tiptologia, me respondeu que o fenómeno da passagem dum flôr através da porta fechada se daria nas condições especiais que eu desejava, que eram selar a porta

duma maneira complicada e, não só fechada à chave, como das outras vezes, mas com a dita chave na algibeira do Dr.. Levei pois uma flôr para casa do professor convencida de que o fenómeno se daria. Assim foi. A flôr foi posta em cima de uma mesa, como de costume, marcada com sinais especiais, a porta selada e também impedida de abrir-se por meio de vários obstáculos e a chave na algibeira do professor.

Apagámos a luz e, após os fenómenos habituais, foi vibrada nos vidros duma estante a pancada convencional para nos indicar que a flôr passou para o corredor. Durante a sessão foram vistas algumas sombras brancas e escuras que se cruzavam. Quando findámos a experiência, fizemos luz e logo verificámos que a flôr tinha desaparecido de cima da mesa onde a tínhamos colocado. Procurámos em todo o gabinete: não estava. O professor foi então ver a porta e verificou que ela não tinha sido aberta. Todos os sinais estavam intactos: — a fechadura no seu lugar, as fitas seladas e atadas de maneira fora do vulgar, alfinetes espetados nas fitas e mesmo na porta. Ninguém ali tinha tocado. O professor abriu então a porta e, como sempre, foi êle sòzinho procurar a flôr. Como a não visse logo na sua frente, segundo o costume, exclamou: « Eu bem disse que nas condições de hoje e com a chave na minha algibeira o facto não se podia dar ».

Procure melhor, doutor, pois bem vê que não está no gabinete — disse-lhe eu. Olhou então para todos os lados no corredor e ficou estupefacto quando viu que a flôr não só tinha passado, mas estava num dos lados do corredor, cêrca de três metros distante da porta, o que nunca tinha sucedido com as outras flores. Conservava a mesma frescura e parecia que ninguém lhe tinha tocado. Desta vez o professor ficou convencido à saciedade que a matéria atravessava a matéria. Pelo menos assim parece, a não ser que o tempo nos traga outra explicação.

Há pois a notar nesta experiência as precauções da porta e a ausência de todos na casa do Professor. Só estávamos nós fechados no seu gabinete.

MADALENA FRONDONI LACOMBE

PORTA DE LUZ!

A Unidade está na perfeição da vida.

É tão grande e tão vasta a missão do Espiritismo, bem compreendido que não pode deixar de comover os corações de todos aqueles que o conhecem e sabem interpretar em tôda a sua beleza. E' êle que abre os olhos aos negativistas e os deslumbra e arrasta para o espiritualismo. E' êle que, numa generosidade que nada pede e tudo dá, prova a sobrevivência da alma aos incrédulos duma maneira tão palpável, tão real, tão irrefutável, que só continuam a ser descrentes, conhecendo-o, aqueles a quem o seu propositado desleixo impede a investigação. O Espiritismo tem sôbre todas as outras correntes espiritualistas uma vantagem enormíssima para os neófitos: — a prova da sobrevivência da alma. Ninguém que se dê de perto, e sem ideias preconcebidas, à análise dos trabalhos práticos pode negar esta incontestável verdade. Tem de se render à evidência e dizer como S. Tomé: — Vi e cri.

Qual é o desejo de todo o espiritualista?

— Que a certeza que o enleva vá alimentar, numa esperança, as almas que sofrem.

Assim nós, que temos crenças arreigadas, nós que sabemos, porque sentimos, o que é o verdadeiro amor, nós que reconhecemos a Unidade e ansiamos por ela, não podemos deixar de nos apiedar dos que vivem nas trevas e de lhes dizer: — batam a esta porta de luz se querem adquirir a certeza de que não morrem. Se o fizerem deixarão de se debater nas torturas da dúvida e tirarão do seu descontentamento da vida a fôrça de lutar com a natureza inferior para conseguirem um estado melhor.

A injustiça da sorte não mais os revoltará, não mais erguerão para o céu o punho ameaçador e impotente, porque a certeza de que o homem só colhe o que semeia, obtida pela prova, lhes dará fôrças para aceitar o caminho qualquer que êle seja e não mais se revoltarão senão contra os seus próprios erros. Pedir impossíveis à natureza humana é arriscarmo-nos a perder a fôrça para lhe pedir o que é razoável; mas se lhe dermos a convicção que nada pode destruir, e, entrando no seu terreno, lhes demonstrarmos, pelo experimentalismo, a realidade das nossas afirmações atingimos o fim que nos propusemos: — *fornecer matéria de estudo*, e convencimento.

E' proverbial que tôda a ideia aceite pelo cérebro tende a tornar-se factó, e, para que o homem se torne útil basta fazer-lhe notar a sua extrema volubilidade. Então nasce a necessidade imperiosa de demonstrar a constância que não tem e levá-lo, do débil desejo à forte vontade, a querer fixar-se, pelo menos, num ponto que o não pára e pelo contrário o impele numa constante mudança que lhe dá a percepção de mais amplos e rasgados horizontes. Compreende então que só a vida o pode preparar para a vida. Passa, desde êsse instante, a analisar diàriamente os mais simples factos começando a ver *tudo o que não via*. E' porém absolutamente necessário o domínio e verificação da imaginação que cria nos cérebros doentios uma imensidade de imagens sem realidade alguma, que por vezes os transtorna e apouca.

O desenvolvimento da vontade, a análise desapassionada dos factos e o exame da consciência, à sua própria luz, são condições essenciais para despertar aqueles que começam a conceber que alguma cousa existe que nos ensina a extrair vida da vida, e na observação comparada da natureza com o nosso íntimo sêr nos demonstra a identidade na unidade.

A alma, logo que compreenda, extasia-se ante a beleza e simplicidade das leis naturais, e mergulhando na consciência própria, consegue momentaneamente atingir a consciência do divino Mestre. Não dura êsse instantâneo gôzo; se durasse seria a beatitude em tôdá a sua infinita extensão. Mas, uma vez que assim sucede, nunca mais o espírito, sedento da realização do sonho, se sentiu bem na sua prisão corpórea. Há qualquer coisa que o chama mais alto, e, prendendo-lhe o pensamento em tudo que o rodeia, o faz sempre procurar *dêsse tudo* a parte mais bela e melhor numa ânsia inextinguível de perfeição que a palavra é impotente para traduzir e a mais viva imaginação não concebe.

— Batam a esta porta de luz. E, se o fizerem de coração puro, ela lhe será aberta sem reservas; e cá dentro encontrarão janelas rasgadas sôbre o infinito onde o invisível toma vulto e côr; poderão sentir-se em comunidade com todos os desincarnados com quem tiverem afinidades e que estejam em condições de derramar sôbre aqueles que a êles recorrem a inegalável luz da fé racionada e forte que lhes arranca a aspiração. A iluminação baixa então. Para a conseguir digamos todos os dias com infinito amor: — « Senhor, que eu me torne, cada vez mais, um templo digno de vós ».

52
n. a. 29

O Espírito é a Verdade

Extracto da Conferência realizada na sala
da Câmara Municipal da Ilha Brava (Cabo
Verde) na noite de 14 de Outubro de 1928

Nas idades passadas, a sombra do Mistério velava, aos olhos dos profanos, as linhas divinas da Verdade; e, nas zonas defesas, numa mesma noite se confundiam factos materiais e problemas espirituais. Assim, havia o mistério das fontes do Nilo, que se estendeu até aos dias contemporâneos; como há, hoje ainda, o mistério das origens da Vida, cujo desvendamento já dealva os horizontes do saber humano. Em volta dos mananciais do rio sagrado, cerrava-se, impenetrável, a neblina do dogma, com que a ciência encobria os perfis enfumaçados da Verdade; em frente das origens da vida espiritual fechava-se, e fecha-se, ainda hoje, o nevoeiro translúcido do orgulho que, nas coisas do espírito, encegou, sempre, a ciência materialista, negando-se, para atingir a solução das questões espirituais, a outro rumo que não seja esse clássico caminho traçado através das ciências naturais para o conhecimento da matéria; como se, para sondar os mistérios da eternidade, bastasse mergulhar a vista nos abismos da vida física. O Nilo, como que simbolizava a Vida. Mas a sabedoria dos tempos faraónicos não lançava raios que pudessem trespassar a zona de sombras envolventes das fontes da Grande Agua.

Um dia, porém, o homem, semelhante à águia, transpôs a linha do mistério, bateu as caligens, e atingiu as origens do rio sagrado. Hoje, em outro campo, dá-se a axiomática repetição da história, e assistimos a um espectáculo magnífico: o génio humano ensaia vôos sôbre as controvérsias da vida espiritual, parte de mais altos princípios, solta novos rumos, e rompe a bruma de negativa que a educação materialista adensa. E, neste pé, quem duvida que, amanhã, essa fôrça soberana não venha a quebrar os gelos da rotina catedrática, e não venha a estabelecer, a demarcar na carta dos conhecimentos humanos, as linhas da Vida Eterna, desenhando-lhe, num fundo lácteo de facto incontestável, através de planetas e de constelações, o verdadeiro percurso, desde os pródromos desta poderosa dor de viver, que não se sabe se começou, até aos confins desta ânsia de duvidar, que não se sabe se acabará?

Poliédrica, a sabedoria emite resplandecências em que às vezes, se esbatem as linhas puras, harmoniosas da Verdade. Os problemas multiplicam-se. As soluções deslumbram. As teorias revesam-se, brilham e desaparecem! Os princípios estabelecem-se e destroem-se. Há uma conflagração de doutrinas que se batem, que se ferem, que se inutilizam. Respira-se uma atmosfera de pungentes incertezas.

Há como que um mal entendido entre os elementos que tentam a escalada da Verdade Absoluta. Pressente-se-lhes maior interêsse em esmagar os que tomam diferentes caminhos, do que em atingir o ideal porque se batem. A dúvida agita as paixões, assim como a pressão atmosférica adoida o barómetro. A portentosa cordilheira com que a vitória materialista fecha os horizontes da vida espiritual, alastra a sua sombra gelada sôbre a agitada alegria de viver. O absurdo atrai: *Credo quia absurdum*. O génio reveste-o de luz e impõe-o. Paira uma ânsia que lembra a angústia de Alexandre diante das vitórias de Filipe: nada ficaria para a impaciente espada do jóvem conquista-

dor! Todos demandam a Verdade, cada qual no seu rumo. E as legiões, trepando pelas vertentes da Ciência, ostentam, nas suas bandeiras desfraldadas, sangrentos capítulos de martirologio...

Crença é de muita gente, e da melhor, que, num pouco de barro, está a origem da matéria humana. Quanto à parte espiritual, a ninguém preocupa: é acessória. Há tempo de a engarfar no barro... Outros filiam na química das primeiras formações geológicas, e, depois, na evolução dos seres, o seu ponto de vista sôbre a Criação. Aceitam o princípio delineado numa luminosa fantasia; e, depois, impõem o fim prefixado num destino de sombras.

Princípio: calor e humidade. O Génio atribui-se uma génese singular: o pólipó. Fim: o desequilíbrio e o esboroamento da arquitectura física. Todo êsse deslumbramento que é o Amor, a Bondade, o Génio, o Heroísmo, tudo desaparece no ventre de uma sepultura! Sôbre a ruina das cinzas, nem uma scintilha se eleva!

Os primeiros apegam-se à soberana vontade de um Deus, divino oleiro, que, para guardar o espírito, não tem mais elevado escrínio que uma mão cheia de lodo. Os segundos, quasi que prescindem dessa soberania: admitem a causa material, e, ao próprio Deus, ou lhe distribuem um papel secundário, ou o expulsam do palco... Não há muito, na América, se bateram, na Imprensa, as duas hostes. Duvido que alguma vencesse. Em tais pugnas costuma dar-se, quasi sempre, aquele passo das *queda catchôr*, ⁽¹⁾ dos lutadores crioulos: ambos os contendores caem, porque nenhum se agüenta! Um, arvora a génese bíblica; outro, desfralda o evolucionismo de Darwin; êste, assenta no barro; aquele, no radiário! Que mais levantada origem para essa plêiade resplandecente, que luz, que canta pelo caminho do Céu — Hugo, Shakespeare, Goethe, Camões? A preocupação de todos, quasi única, é a origem da vida material. O resto virá seqüentemente. Haverá tempo de encontrar o espírito, a scintilha imortal, Deus, na massa encefálica, ou no sistema nervoso; em qualquer recesso anatómico, ou, ainda, em qualquer fenómeno de sugestão...

Eu nada sei; mas, no fundo do meu sêr moral faz-se uma luz: Diréis uma implume ninhada, embrionária, latejante, de convicções. Julgo ver; não sei, porém, dizer. Punge-me a incerteza; mas o êrro horroriza-me. Não por mim, que dêle tento afastar-me com firmeza e sem orgulho; senão pelos que sofrem nas sombras que êle desencadeia no caminho da vida. Nada sei; mas desconfio que talvez seja tempo de tomarem, aqueles que sabem e se não precatam contra a mentira dos efeitos de luz, melhor caminho para demandar o pôrto da Verdade. Não sei qual será mais certo: se a lenda de ter Deus feito a estátua assoprando-lhe, depois, o espírito; ou se o sonho de se ter o espírito desprendido da nebulosa Deus, e, em uma evolução compreensível, pouco a pouco se revestir de uma expressão morfológica, até ser um ente criado, até refulgir nêsse raio vivo de Tertuliano. Se é certo que o espírito apareceu antes da matéria, como admitir que seja a matéria a causa do espírito? Que a inteligência constitua apenas uma função do cérebro? Não seria melhor crer que o espírito, raio desprendido de Deus, se revestisse, por incrustação, dessa concreção material, e dela fizesse o escafandro em que desce aos abismos da Dor para se purificar, para subir à perfeição que leva a Deus num regresso que mais não é que obediência à Lei Eterna? Vestindo-se com ela, utilizando-a como o fogo errante se lança à matéria

(1) *Queda catchôr*, em crioulo, quedas de cão.

para flamejar? Eu sei lá? Quem sou eu para afirmar? Quem sou eu para negar?

A ciência materialista explica vitoriosamente todos os fenômenos físicos. Duvido, porém, que isso possa ser suficiente para explicar o espírito, negando-o. Para essa ciência que nega porque não enxerga, o espírito é um produto do cérebro. E' um efeito. Não existe fora do invólucro. Seus eminentes anatomistas desesperam-se por determinar, no corpo, o ponto ocupado por êsse raio divino. Logo, não existe o espírito.

E se não existe o espírito, como pode existir Deus? Estabelece a ciência materialista: — além do montão de lama cuja decomposição a terra piedosamente oculta, nada existe. — Olhos que o gelado dedo da morte fecha, não mais verão. — Bôca que a rigidez do eterno silêncio cerra, quando cantará? E nada existe, porque nada se vê, posto que imenso se sintal! Quem, diante a ciência materialista poderosa e triunfante, erguida no seu plinto de orgulho ateuista, ousará aceitar a verdade de um sonho que desabrocha no cérebro, e que, ao despertar, desaparece como a névoa que o sol dispersa pelos vales, e funde em lágrimas pela côma das plantas?

Porque a percussão de dois calhaus produz a faísca, quem entender á que o silex seja a própria luz? Que a inércia seja a mãe dêsse vivo fulgor vital que enche o infinito, que aloura as madrugadas, que sorri nas pétalas, e que canta, na fronte puríssima das virgens, o santo hino do beijo, que o Eterno Artista imprime na sua própria obra? Quem pode fixar, na matéria mortal, a razão da vida imortal, no esplendor dos seus fenômenos, na alegria que constela as existências pacíficas, no amor com que o espírito banha a matéria para se aproximar de Deus, na bondade que eleva ao Céu, e no gênio que lança pontes de luz entre a noite da vida mortal, feita de agonias e desesperos, e o dia da vida eterna, acendida de fé, de esperança e de caridade nos harmoniosos silêncios do infinito?

O espírito é a Verdade. E é por isso mesmo que a simples suposição de Verdade sem Espírito, é quasi um facto material, encerrado no domínio das forças mortais, sedimento de cadinhos, resultado de combinações, com côr, com cheiro, com pêso. Deslumbrada pelo formidável orgulho das suas estrondosas vitórias no campo físico, a ciência ateuista sempre que se lança a explicar o Espírito engasga-se se nega, diviniza-se se aceita. Sôbre o êrro ordinário de negar o que não vê, escachoa um oceano de incongruências encasteladas sôbre a paz da vida humana, sôbre a estrada ampla do seu aperfeiçoamento moral pelo conhecimento das leis espirituais.

A educação materialista, sêca, hirta, estéril, fez desandar a Civilização; desorientou os métodos científicos, petrificou-se numa formidável negativa; amaninhou o espírito fecundo e resplandecente das grandes raças históricas; depravou a natureza humana; esborcinou as linhas mais nobres do fenómeno social da liberdade; fechou, à volta dos povos, os horizontes da vida futura, sôpro de fé que alargava os confins dos destinos, e acendia esperanças guiando os náufragos da dor e colhendo os transviados do mal. Abriu diante de cada homem uma sepultura. — *Não passarás daqui*, lhe disse. Secou a lágrima nas pálpebras dos tristes; anestesiou-lhes a dor que eleva; desfigurou-lhes o sonho que reanima; crestou-lhes a caridade que salva; ressequiu-lhes os sentimentos; e feriu de morte aquela gravidade compassiva que se desdobra, à guisa de promessa do céu, nas almas suavíssimas dos santos e dos poetas. Depois, alçou o colo de serpente sôbre os destroços fumegantes do Belo, reduzido, como Joana d'Arc, a cinzas, e lançou, numa rajada de escárneo dilacerante, a tremenda maldição das grandes apostasias históricas, que teem desencadeado ciclones de pavor sôbre a Consciência,

—vêlhinha miserável, a tremer, abatida, a um canto da Memória. Nem paz, nem esperanças, nem amor, nem Deus! O Amor, putrefeito ignòbilmente na função genésica, deixa-se ficar, olhando o problema da vida física, e fechando as pálpebras diante as incompreendidas fulgurações espirituais. Desceu, cadáver, da cruz, para o tálamo do sepulcro! Gerar monstros e andar! A Família, com geitos de alcateias! Cidades resplandecentes feitas selvas, abrigo de paixões. Feras a revesarem-se no comando dos povos. Em certo país, de princípio, ursos devorando lobos; depois, lobos devorando ursos. Implantada a lei lacedemónia, cavaram-se Taigetos para os filhos defeituosos. E o sistema evidenciou-se uma horrorosa antropofagia social.

E não haverá remédio? Há:—Venha a verdade espiritual banhar de luz puríssima o caos social! Erga-se a consciência do Bem a acalmar as paixões materialistas deflagradas pelo hálito mortal de uma educação atesta, esterilizadora! Venha a convicção das responsabilidades futuras contrapesar a monstruosidade das ambições insaciáveis! Aproximem-se os espíritos de luz! Desçam sôbre o algar humano! Salve-nos o resplendor dulcíssimo da Bondade! Ampare-nos a fôrça sacrossanta da Caridade!

Oh! Pai do Espírito, que tão alto moras, e que, ubíquo, eterno, brilhas em cada raio da tua luz, santo é o teu nome, e floresça eternamente nas almas dos homens de fé! Venha a nós a tua paz! Sejamos nós a repercussão da tua vontade nesta vida de erros, e na outra de verdade! Dá-nos o alimento espiritual do teu amor! Perdoa e ensina! Expulsa a tentação que ras-teja sob os nossos passos, livra-nos do mal de fechar os olhos para não ver a Verdade Eterna!

* * *

Negar a Verdade! Mas negá-la com que elementos? O brilho das conquistas no campo da matéria, como poderá provar a ausência do Espírito, se é um argumento do próprio Espírito? Há quantos anos os meus olhos mortais não vêem minha Mãe adoptiva, aquela que me tomou do regaço gelado de minha Mãe morta? E porque já a não vejo dentro do invólucro material em que se encerrava o seu espírito dulcíssimo, devo crer que aquela luz de amor que alumiou a minha orfandade desapareceu para apodrecer no fundo de uma cova? Devo crer que já não existe? Não a enxergo nos meus sonhos? Não a sinto, ainda amparadora, nas minhas saudades? Não a trago, aqui, no coração, aconchegada e feliz, como feliz e aconchegado ela me trouxe no seu regaço? Porque é que o meu espírito a invoca nas aflições, se não é a convicção de que ela esfriará as minhas dores, guiará os meus passos, perdoará as minhas faltas, e baixará, sôbre mim, enquanto durmo, para me inspirar sentimentos elevados e acções nobres? Não será dela a voz que me chama ao dever? A estrêla que me sorri sôbre os abismos do sofrimento? A fôrça que me levanta de cada vez que o mal me prostra? A asa que me ergue ao cume da felicidade de perdoar e de amar os próprios que me desamam e ferem? Uma vez, há muitos anos, uma Irmã, espírito gentilíssimo feito de pureza e de bondade, voou à outra vida e me deixou, sôbre os joelhos, duas crianças. Abri sôbre os dois berços pequeninos, asas puríssimas de amor. Limpei-lhes de núvens o céu da infância. Pelos caminhos que trilhavam, os meus cuidados enternecidos não deixaram ficar um espinho. Aconcheguei-as no coração. Ensinei-lhes a amar na linha do dever; a erguerem-se num rumo de honra; a cantar em tom de anjos; a perdoar, a sorrir e a viver envolvidos no halo sacrossanto da paz cristã.

Era um dilúvio de luz e de harmonia sôbre o meu lar de pobre! Até que, um dia, a Inconsciência cavou sob os meus passos um abismo. Escan-

carou-se o cairel. Ia-me sorver, quando o espírito da Irmã morta se esboçou na minha fé e me sorriu. Abriu-se como que um alvor na noite que me envolvia. Vi o sorriso dela como a ave vê o amanhecer. Pareceu-me a imagem da Senhora do Rosário, que eu adorava na infância, que ascendia e me levava. Eu estava salvo! Duas boquinhos como botões de rosa me beijavam: quatro bracinhos, cadeias de amor, me prendiam à dor de viver! Pus um joelho sobre o esbeçamento da cratera; galguei o beiral; dei costas ao abismo. Em cima, era a Primavera: Eram o sol, os pássaros, as plantas, tudo a sorrir, tudo a cantar, tudo a rescender! Reacendeu-se a esperança e eu vivi... Quem fizera o milagre? Não pergunto aos que sabem e que riem:— Pergunto aos que crêem e que choram: Quem fizera o milagre?

Sinto-me cercado dos que amei e que partiram: Foi no sítio mais alpestre da Ilha. Vinha eu dos meus trabalhos, cansado, a fronte alagada de suor, o braço dorido da enxada, sapatos molhados na água viva das regas. Assentei-me a descansar no poial da velha casa de minha Mãe adoptiva. Ela é uma ruína imóvel, silenciosa, triste. O ciclone levava-lhe o telhado, abalara-lhe os cunhais. Suas paredes abrem-se para o céu num hiato de dor muda. Parece, aquela casa onde me decorreu feliz a infância, uma sepultura violada. A parede fronteira projectava sombra. O sol ia tombando. Sentei-me e abri minha alma a suaves impressões de Eternidade. Senti que os meus se acercavam de mim, e me olhavam em silêncio. Sofre, diziam-me, só a dor dá asas. E aconselhavam-me, enternecidos, de mãos dadas, a Mãe que partira antes de a minha consciência despertar, e a Mãe que eu beijara: Abre a bôca, porque a luz destilará dos teus lábios... — Eu sei? Que é isto? Quem sou eu? Qual é o caminho? Onde estás ó minha fé? Devo crer? E estavam à roda de mim aqueles que eu amara e que se tinham ausentado para a outra vida.

* * *

Ergui-me e tomei o caminho de casa. O sol desaparecera. O céu estava sem uma mancha. A montanha de Gomes Eanes, semelhante a um busto de gigante, olhava, indiferente, para as distâncias adormecidas sobre o mar. Perto, as árvores surdinavam preces numa harmonia de paz e de dor. A Terra orava, voltada para o céu. Os píncaros desnudos, já sombreados pelas tintas roxas da tarde, pareciam prestes a tocarem-se, inclinados, frente com frente: Cabeceavam com sono os gigantes de basalto. No fundo das ribeiras ondeavam já sombras. E iam subindo, afogando os contrafortes da base em arquibancada. Uma criança desceu as escadas encostadas ao tanque, e correu para mim, com os bracinhos abertos, caindo-lhe da boquinha fresca, risos claros, num telintar de cristais. O tamarindo fechava as fôlhas recompostas e adormecia, numa serenidade solene, como que sorridente. Tomei a criança nos braços, beijei-a e subi os degraus orando:— Deus! não mereço esta felicidade de crer, de sofrer e de amar!

* * *

Concluo: A morte é o prelúdio de uma vida melhor. O corpo morre; mas o espírito, raio da vida universal, é imortal. O corpo nem sequer é a expressão do sêr. E' uma roupa com que o espírito se veste, e que o espírito despe quando a arquitectura física se desequilibra e derrui. Antes desta vida, afigura-se-me ter vivido outras, das quais, rebuscando no fundo das trevas, encontro reminiscências. Lembram-me países que visitei, factos que se passaram, épocas que já morreram. Assistem-me saudades, pungem-me

ânsias, abrem-se-me visões, — visões de factos reais, de gente conhecida, de sonhos entrevistos, de alegrias fugidas, num remoínho, para além... Estarei perto ou longe da Verdade? E será de admirar que eu esteja em êrro? Quem sou eu para acertar? O que admira, porém, é que nos mesmos erros incorram espíritos como Jesus, como Victor Hugo, como Flammarion, como tantos outros que brilham nos acumes do saber humano: a élite das sciências e do Génio, os porta-bandeiras da nova Fé, prestes a atingirem as cristas resplandecentes da Verdade que Cristo ensinou na sua rápida passagem pela Terra.

EUGÉNIO TAVARES

Carta ao sr. Fernando de Sousa

N. da R. — Publicamos a seguir a carta enviada pela nossa illustre confrade, sr.^a Dr.^a Amélia Cardia ao sr. Fernando de Sousa que no jornal católico «A Voz» sob o título «*Na Região das Trevas*» publicou um artigo de ataque ao Espiritismo, pretendendo apoiar-se na autoridade do Padre Mainage, e a qual não foi integralmente publicada pelo referido articulista.

20 de Janeiro.

Ex.^{mo} Senhor Fernando de Sousa

No uso do direito que me faculta a Lei da Imprensa, remeto a V. Ex.^a para que seja publicada no seu muito lido jornal, a presente carta, como rectificação às afirmações inexactas referentes à minha pessoa e aos princípios que professo, assinadas nêle por V. Ex.^a no dia 17 do corrente, seguramente fundadas sôbre uma falsa informação, pois que, geralmente reconhecida a dignidade professional que V. Ex.^a personifica, a ninguém é lícito supôr um instante que tais inexactidões lhe possam ser attribuídas.

Em primeiro lugar declino o título de «*venerável duma loja maçónica feminina*,» instituição a que não pertenço, cujos estatutos ignoro, não sabendo portanto, se é benéfica, se maléfica, mas regeitando a honraria porque nunca me consentiu o ânimo adornar-me com penas de pavão; e fazê-lo nesta altura da vida seria grotesco. Mais declaro que jâmais, em época alguma fiz parte de quaisquer associações que não fôsem a Sociedade das Sciências Médicas, a Associação dos Médicos Portugueses, a Sociedade da Cruz Vermelha e a Federação Espírita Portuguesa desde a sua fundação, impondo-me a consciência o dever, como Membro do Conselho Superior Deliberativo dessa colectividade, de aclarar também asserções inexactas sôbre a sua natureza e os seus fins. Aproveito o ensejo para pôr em relêvo a acção evangelizadora e abnegada da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria O'Neill, minha ir. (com um só ponto) em crenças, que todos os desprotegidos da sorte conhecem pela sua excelsa caridade.

Classifica V. Ex.^a o espiritismo duma «*grave doença mental que alastra*»; mas, é incontroversa a integridade das mentalidades que por tôda a parte do mundo se teem occupado do espiritismo, como Oliver Lodge, Camilo Flammarion, Victor Hugo, Curie, Richet, Edison, Marconi, a série seria interminável; e nada prova que de Allan Kardec para cá seja com os casos de loucura espiritista que tenha aumentado a densidade nosocomial dos asi-

los de alienados. E todos os alienistas reconhecem, como principais factores etiológicos das psicoses, não o espiritismo, mas as intoxicações, particularmente pelo álcool e a avariose.

E' certo que, em várias épocas da história, teem grassado epidemias de monomania religiosa nos fanáticos de várias crenças, não podendo o espiritismo fazer-lhe excepção. Todos êsses casos, porém, dão-se apenas em cérebros predispostos por debilidade congénita ou por herança, visto o terreno ter capital importância na génese das psicoses. Se das práticas espíritas podem por vezes resultar desequilíbrios mentais é isso devido a serem feitas por pessoas ignorantes e falhas de preparação.

Os princípios filosóficos do espiritismo são apenas o rejuvenescimento do Cristianismo primitivo na sua pureza original. E, ficaram assentes no 3.º Congresso Espírita Internacional, realizado em Londres de 7 a 13 de Setembro de 1928, no qual se fizeram representar, além de Portugal, 26 nações, tendo um dos Delegados americanos o mandato duma associação de 1.500.000 sócios. As suas conclusões foram as seguintes:

O espiritismo é uma filosofia que assenta sôbre dados científicos precisos e cujos princípios fundamentais são assim enunciados:

1.º — Existência de Deus, inteligência e Causa Suprema de todas as cousas.

2.º — Existência da alma, ligada, durante a vida terrestre ao corpo físico perecível, por um elemento intermediário chamado perispírito.

3.º — Imortalidade da alma, sua evolução contínua para a perfeição por estágios de vida progressiva e sua reencarnação sucessiva em planos de vida correspondentes ao seu estado de adiantamento. (Já Cristo disse: Em verdade vos digo que não verá o Reino dos Céus aquele que não renascer de novo).

4.º — Responsabilidade individual e colectiva entre todos os sêres, segundo a lei de Causalidade.

Todos estes princípios se apoiam na comunicação com os desincarnados.

Já que V. Ex.^a se apoiou nas opiniões do ilustre Padre Th. Mainage e muito bem, visto ser êle um culto professor de história das religiões da faculdade católica de Paris, para fazer a sua crítica e negação do Espiritismo, encarregaremos Sua Reverência de desfazer as asserções que possam deturpar a realidade dos factos, transcrevendo de «La Religion Spirite» algumas das suas afirmações. O P.^e Mainage detalha e precisa a sua opinião sôbre a autenticidade dos fenómenos espiritistas como segue: «*O conjunto dos factos do espiritismo pode reivindicar em seu favor as probabilidades capazes de motivar a adesão dum espírito ponderado? Pensamo-lo.*» (pág. 79). Mais longe lêmos: «*Se, pois, sempre se acreditou e se hoje se crê ainda na existência dêstes fenómenos estranhos é porque verosimilmente houve e há alguma coisa... Se considerarmos as linhas de conjunto que desenham no mundo a história secular do maravilhoso, já não temos o direito de contestar para além da fantasia e do sonho um fundo da verdade positiva.*» (pág. 81). E depois: «*Nem tudo é ilusão nas experiências que descrevem as obras de M. Rochas sôbre a «Exteriorização da sensibilidade e da motricidade» e nas «Vidas Sucessivas» nos milhares de factos acumulados por Myers, autor dum livro sôbre a personalidade humana ou editados pelos membros da Society for Psychical Research. Enfim, a menos que não caiamos num hipercriticismo ridículo, poderemos deixar de acreditar nos relatórios de pessoas cujo equilíbrio mental, honestidade e inteligência estão fora de contestação? Padre e religioso, sucedeu-me — que me perdoem trazer por minha vez o meu modesto tributo — entrar em contacto com algumas destas pessoas. E confesso simplesmente e sem esperar o veridictum*

definitivo da ciência, CONFESSO ACREDITAR NA OBJECTIVIDADE DOS FENÓMENOS ESPIRITAS. Há mesas que giram e falam. A escrita automática não é uma invenção de imaginações em delírio. As aparições não são todas o resultado de alucinações falsas e as materializações parciais obtidas pelo Dr. Geley não são puras quimeras.» (pág. 86, 87).

E na pág. 186 diz o seguinte: «*Não poderá considerar-se uma data mais ou menos próxima em que os médiuns obtenham com o auxílio dos seus singulares poderes efeitos comparáveis aos que nós classificamos milagres? Eles já fazem mover objectos a distância, desdobram-se, lêem no pensamento dos homens. Que não farão quando as suas faculdades admiráveis tiverem sido convenientemente desenvolvidas?*»

Sei bem que o P.^o Mainage, embora reconheça a realidade dos fenómenos diverge da interpretação que lhes damos. Porém essa divergência não é tão grande como parece à primeira vista, pois que o mesmo reverendo, no seu livro «*L'Immortalité*», deduz, a propósito da metapsíquica, as seguintes conclusões: «*...Fica aberto o campo das investigações. E a minha única intenção era mostrar que, com efeito, fica aberto a investigações importantes e — temos de o dizer — científicas. Com a condição de não encetar o exame dos fenómenos com um parti-pris de negação brutal, e sem ser de nenhum modo obrigado a partilhar o ponto de vista espírita, pode-se conceber um lugar, no estudo filosófico do grande problema da sobrevivência e da imortalidade da alma a este conjunto de factos singulares, agrupados hoje sob o termo de metapsíquica*»...

Ora esta passagem das suas conclusões, não só admite e justifica o estudo dos fenómenos metapsíquicos, como também permite prever que do seu estudo advenham conhecimentos sobre a sobrevivência e imortalidade da alma. Logo é porque o seu autor reconhece que êles são devidos, como nós afirmamos, à actuação da alma, quer incarnada, quer desincarnada.

Fica pois bem refutada, pelas próprias palavras dum sacerdote que merece a V. Ex.^{ia} tôda a confiança e a todos o maior respeito pelo desassombro das suas afirmações, e nas opiniões do qual se apoiou para condenar, negar e criticar o espiritismo, que não são loucos, crédulos ou misticadores aqueles que investigam os fenómenos psíquicos seriamente como eu. E por me ter julgado pessoalmente atingida invoquei a Lei, embora tenha a convicção de que V. Ex.^{ia} exerce conscienciosamente o alto sacerdócio da Imprensa e gratamente dará sempre testemunho da verdade ao grande público do seu jornal.

Terminando, faço bem público que em todos os meus trabalhos literários, não combati, não combato, nem combaterei religião, doutrina filosófica ou científica alguma, deísta ou espiritualista, porque considero que o espiritismo não tem incompatibilidades com nenhuma religião, visto que o seu primeiro princípio, a crença em Deus, que leva à união íntima, da criatura com o Criador, é também o fundamento essencial de todas elas. As formas do culto são secundárias e em nada affectam o fundo. A missão da Imprensa espírita é difundir as sublimes realidades espirituais do Bem, da Verdade e da Justiça, mediante o conhecimento das quais a alma humana se dignifica, espiritualizando-se, impregnada por êsses atributos de Deus, Unidade Absoluta para que todos tendemos.

Alonguei demasiado esta exposição a-fim-de dizer o suficiente para não voltar ao assunto quaisquer que sejam as considerações que ela possa sugerir.

Subscrevo-me com a maior consideração

De V. Ex.^{ia}
Muito respeitadora
AMÉLIA CARDIA

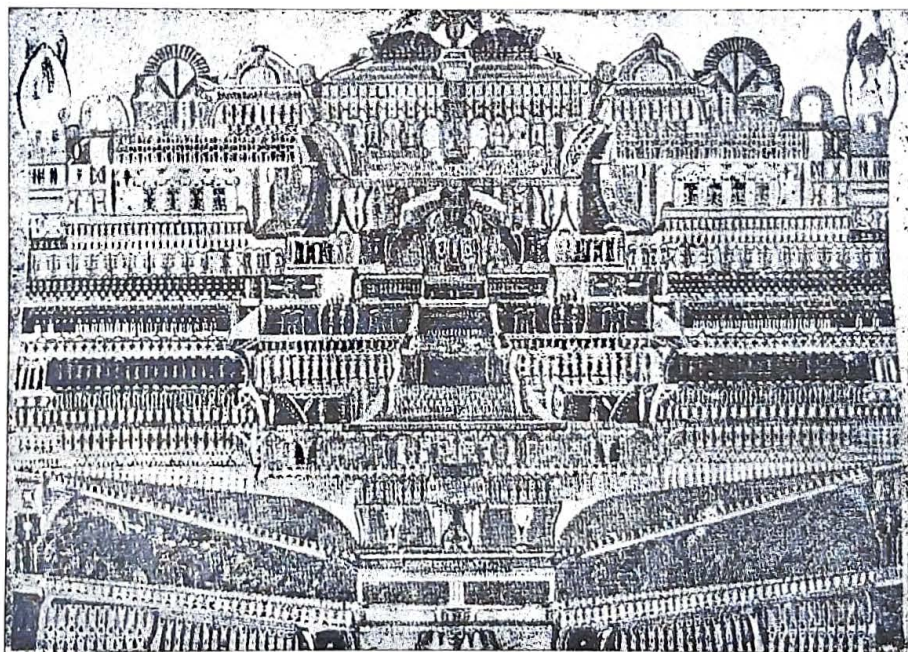
○ Espiritismo e a Arte

MÉDIUNS PINTORES

II—Agostinho Lesage

O relato que vou fazer, do modo como irromperam neste extraordinário médium as suas faculdades supranormais, é naturalmente descritivo e extratado do excelente artigo do Dr. Osty, intitulado «*Nos confins da Psicologia clássica e da Psicologia Metapsíquica*» publicado no n.º 1 de 1928 da «*Revue Metapsychique*», em que foram recolhidos, com todas as minudências os detalhes que permitem formar um juízo seguro sôbre êsses fenómenos, as suas determinantes e as conclusões que dêles derivam.

Agostinho Lesage nasceu a 9 de Agosto de 1876 perto de Pas de Calais, tendo seu pai, como todos os seus ascendentes, sido mineiros. Aos 14 anos fez o seu exame primário em que conseguiu ficar aprovado, sendo medíocre a reprodução do martelo que lhe deram para modelo, visto não ter vocação para o desenho. Sem qualquer tendência intelectual ou artística, seguiu o caminho da mina como todos os seus antepassados e tornou-se um bom mineiro. Tendo interrompido momentâneamente as suas ocupações para



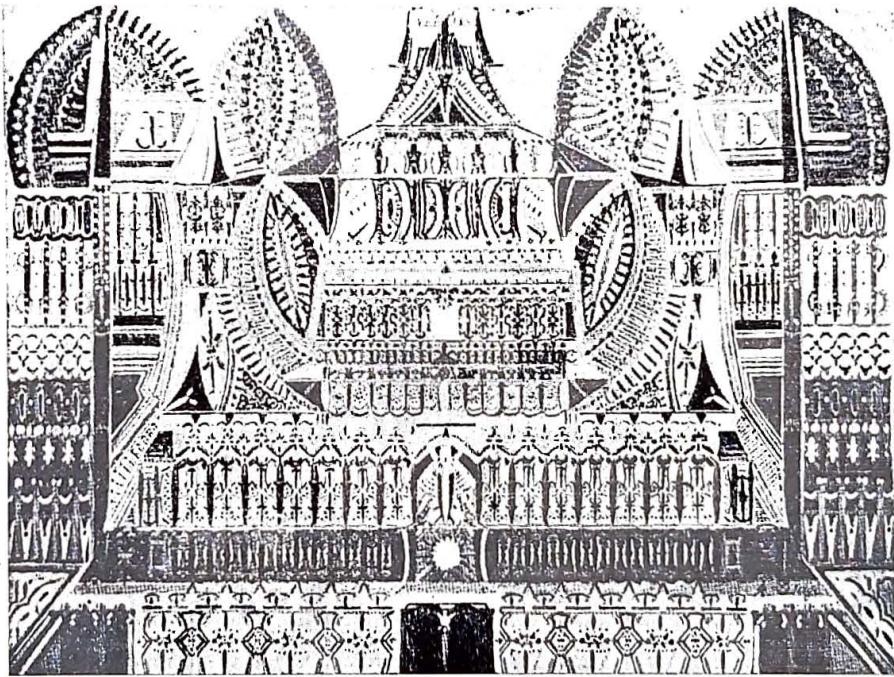
Quadro decorativo executado por Agostinho Lesage, medindo 1,10 por 1,10.

fazer a sua instrução militar obrigatória, voltou, após ela, à mesma vida profissional, casando-se pouco depois. Para não desvirtuar o sentido das palavras com que o protagonista de tão singulares acontecimentos fez a narração das primeiras manifestações de que foi alvo, ocorridas na mina em 1911, reproduziremos na íntegra essa narração, traduzindo o texto dela estenografado na mesma ocasião no Instituto Metapsíquico Internacional.

«Trabalhava deitado numa pequena garganta de 50 centímetros que dava para uma galeria afastada do movimento da mina, quando, de repente, no silêncio apenas perturbado pelo ruído da minha enxada, ouvi uma voz muito nítida dizer: «*Um dia serás pintor*». Olhei para

todos os lados para ver donde partia esta voz. Ninguém ali estava. Eu estava completamente só. Fiquei estupefacto e aterrorizado. Quando voltei da mina não disse a ninguém, nem aos meus amigos, nem aos meus filhos, nem à minha mulher. Temia que me tomassem por um alucinado ou um louco. Poucos dias depois, igualmente na mina e trabalhando só, a voz fez-se ainda ouvir. Ninguém estava em volta de mim, como da outra vez. Fiquei aterrado. Guardei em segredo este acontecimento e fiquei muito inquieto, temendo ficar louco. Ignorava nessa época que podia haver coisas inexplicáveis. Durante um certo tempo descia à mina com terror, receando ouvir as vozes. Mas desde então nunca mais as ouvi.

Passaram 8 ou 10 meses. Já não pensava nas vozes nem nos meus mêdos quando um dia, estando a conversar com alguns camaradas meus da mina, um dêles me disse: «*Sabes que parece que há espíritos e que se pode mesmo comunicar com êles? Li isso. Chama-se espiritismo.*» Esta revelação transtornou-me e disse comigo: «*Dar-se-há o caso disto ter alguma relação com as minhas vozes?*» Aquele camarada acabava de ler alguns livros sobre o espiritismo. Li-os por minha vez. Eram o «*Depois da Morte*» e «*Joana d'Arc médium.*» Com este amigo, Ambroise Leconte, hoje falecido, a sua mulher, a minha mulher, Raymond Gustin, mineiro em Ferfay, decidi-me a experimentar o espiritismo. Mas estávamos todos muito embaraçados sem saber como proceder, visto que nunca nenhum de nós tinha assistido a uma sessão. Tendo lido que os grupos espiritas evocam os espíritos dando as mãos em volta duma mesa leve, sentámo-nos em roda duma mesinha de 3 pés, de cana. Lemos uma oração, baixámos a torcida do candieiro e numa semi-obscuridade aguardámos o que se ia passar com uma grande simpleza de alma e com temor. Estávamos havia apenas 10 minutos



Quadro decorativo executado por Agostinho Lesage, medindo 1,50 por 1^m.

com as mãos sobre a mesa quando um estalido se fez ouvir. Os cabelos puseram-se-me em pé. Os meus camaradas também tinham medo. Estávamos persuadidos de que os espíritos iam aparecer e falar.

De repente a mesa levantou-se, vacila e vem bater-me cinco vezes com força. Digo aos meus camaradas: «*Mas isto faz-me mal.*» Um dêles pergunta: «*E' Lesage que é médium?*» A mesa bate uma pancada, o que, segundo as nossas convenções, queria dizer—*sim*. Levantou-se de novo e volta a bater-me. E esta mesinha mexia-se tão depressa! Foi tudo o que obtivemos na primeira sessão.

Muito interessado por este princípio que nos admirou, decidimos fazer uma sessão todas as quintas-feiras, às 8 horas da noite. Na quinta-feira seguinte o meu camarada Leconte diz: «*Se eu tocasse uma ária no bandolim talvez isso auxiliasse os espíritos.*» Tocou uma boa meia hora antes da sessão. Lemos depois a oração de uso nas sessões espiritas e colocámo-nos em volta da mesa, depois de ter diminuído a luz. Passaram-se 10 minutos pouco mais ou menos. A minha mão direita pôs-se a tremer. Sinto que ela quer escrever. Leconte pôs sobre a mesa um lápis e papel. Tomo o lápis e a minha mão pôs-se a escrever esta mensagem que não posso esquecer. «*Hoje somos felizes por comunicar convosco. As vozes*

que ouviste são uma realidade. Um dia serás pintor. Escuta bem os nossos conselhos e verás que um dia tudo se realizará tal como o dizemos. Toma à letra o que te dizemos e a tua missão cumprir-se-há.»

Não podia acreditar que isto fôsse possível. Na sessão seguinte pusemos sobre a mesa uma fôlha de papel e lápis de todas as côres. Baixámos muito a luz do candieiro. A minha mão pegou num lápis, depois em outros e sem que eu soubesse o que fazia, fez um primeiro desenho. Todas as semanas fazíamos uma sessão. Tivemos outras mensagens e a minha mão fez de todas as vezes um desenho.

O primeiro espírito que se comunicou comigo foi o da minha irmã Maria, morta aos 3 anos. Assinava as mensagens e os desenhos. Depois de algumas sessões assim feitas, succedeu que numa sessão a minha mão parou bruscamente. Disse aos meus camaradas: «A minha mão não quer mexer-se mais, o lápis não faz mais nada. Então a minha mão pôs-se a escrever esta mensagem: *«Hoje não se trata de desenho mas de pintura. Não tenhas medo, segue bem os meus conselhos. Sim, um dia serás pintor e as tuas obras serão submetidas à ciência. Acharás isto ridículo ao princípio. Seremos nós quem desenharemos pela tua mão. Não procures compreender. Segue, sobretudo, os nossos conselhos. Primeiro vamos dar-te pela escrita os nomes dos pinceis e das côres que irás procurar a casa do sr. Poriche, em Lilliers. Acharás lá tudo o que te será preciso»*.

Então recebi dos meus guias os nomes das tintas e os números dos pinceis. Vêde isto: com vontade ou sem ela era-me preciso procurar tintas embora nunca sequer tivesse visto um tubo. O sr. Poriche, personalidade de Lilliers, director dum jornal e duma tipografia, vendia também pinceis e tintas. Ele recorda-se bem da minha primeira visita à sua casa, tendo falado dela ultimamente no seu jornal. Poderia dizer-vos exactamente o que eu vos digo.

Parti sózinho para Lilliers, não querendo o meu amigo Leconte acompanhar-me, tão envergonhado estava. Eu também estava acanhado quando entrei em casa do sr. Poriche. Disse-lhe:

— Senhor, venho comprar tubos de tintas.

— Sois da terra?

— Sim.

— Sois pintor?

— Nem por isso...

— Sois amador? Que ides fazer?

— Não sei.

— Uma paisagem?

— Oh!... Não sei...

Não podia dizer que eram os espíritos que iam fazer-me trabalhar. Não sabia que dizer. Estava de tal forma emocionado que já nem pensava em olhar para a fôlha de papel sobre a qual estavam escritos os números dos pinceis e os nomes das tintas. O sr. Poriche, vendo o meu embaraço, pôs uma quantidade de tubos e de pinceis sobre a mesa. «Eis tubos de tintas e pinceis. Escolhei o que quiserdes.» Eu olhava sem ver, muito comovido. Deixava ir a minha mão guiada sem dúvida pelo espírito, pegando em 12 a 15 tubos e pinceis.

— Sois pintor? E' muito curioso — continuou o sr. Poriche — Como eu também pinto, não poderia ir visitar-vos?

— Esperai algum tempo — respondi-lhe.

Não sabia o que ia fazer. Iria eu pincelar ou pintar? Não podia convidar um homem para vir ver-me sem saber o que se ia passar. Voltando para casa com muitos pinceis, tubos de tintas e uma paleta, fixo uma fôlha de papel na parede, ponho côres ao acaso na paleta, pego no pincel maior, da grossura dum dedo, e eis-me ao trabalho!... Os espíritos deixam-me trabalhar...

«Vou ser um famoso pintor! — disse para comigo. Por êste andar sou capaz de pincelar uma casa num dia! Se as coisas assim continuam riem-se de mim.»

«Pintei com o pincel grande quatro fôlhas de papel como as que vos trouxe. A minha mão escreveu em seguida esta mensagem: *«Não se trata disso. Tu vais agora trabalhar na tela»*.

A um amigo que ia à cidade, pedi para me mandar um pequena tela para pintar, sem precisar as dimensões. Alguns dias depois, chegava um aviso da gare vizinha. Fui lá com um camarada num domingo de manhã.

— Tendes uma encomenda para Lesage?

— Ei-la.

Mostraram-me a um canto uma espécie de grande bandeira dobrada.

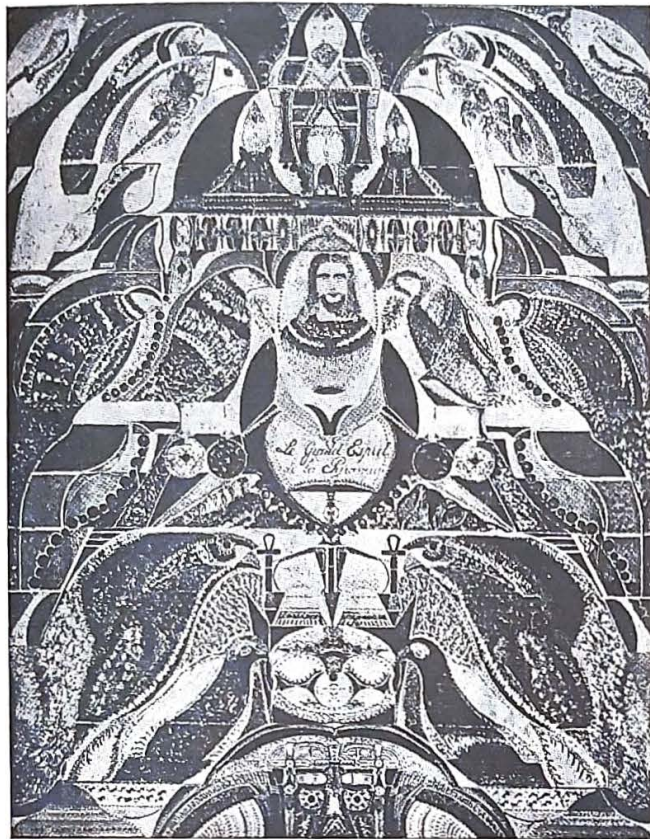
— Não é para mim. Enganais-vos.

— Mas está em nome de Agostinho Lesage.

Desdobrámos a tela para ver. Tinha 3 metros por 3. Pensámos que havia engano na encomenda. Todavia levámo-la. A gare dista da minha casa uma hora de caminho. Era domingo, pelas onze horas. Era-nos preciso atravessar tôda a aldeia com aquilo. Ia por certo dizer-se: Ah! eis dois loucos! Armámo-nos de coragem e partimos, levando cada um de nós um extremo da tela ao ombro. Dissimulámos o melhor que pudemos e entrámos enfim em casa

muito satisfeitos de ter passado despercebidos. Quando pusemos a tela na parede] ocupou um lado todo do quarto.

—«Que vou eu fazer — disse comigo. Não é possível servir-me disto! Faço asneira! Há porém um meio de tudo se arranjar. Vamos cortar a tela em bocados.»



Quadro decorativo executado em 1927 por Agostinho Lesage, medindo 2^m por 1,60

Quando me preparava para o fazer a mão direita pôs-se a mexer. Pego num lápis que escreve: «Não cortes a tela. Ela se fará. Tudo se acabará. Segue as nossas instruções e nós a encheremos na perfeição. Põe-te à obra!»

Então respondi: «Queridos espíritos, se sou pintor, fazei-me trabalhar, porque nada conheço!» Diluí as tintas. Depois comecei num ângulo da tela, o canto de cima, à direita. Todas as tardes ao sair da mina eu trabalhei. Chegava fatigado mas a fadiga desaparecia logo que me punha a pintar. O espírito conservou-me num pedacinho de tela durante três semanas. A minha mão movia-se a custo. Perdia a paciência. Não avançava e havia tanto trabalho a fazer! Em seguida os pinceis caminhavam rapidamente e a tela cobriu-se duma bela pintura. Muita gente a veio ver.

Foi a partir deste momento que eu tomei gosto a pintar. Quando eu entrava extenuado da mina, tinha pressa em pegar nos meus pinceis. Lavava-me, jantava e pintava. Já não estava fatigado. Pintava duas horas, três horas... Ao domingo em lugar de ir passear com os meus camaradas, como dantes, pintava. Chegaram as coisas a tal ponto que me diziam em casa:

«Para que te serve passar assim o tempo? Que é que isso te dá? Gastas o teu dinheiro... Vai antes passear.» Nada poderia impedir-me de pintar.

Continuei assim até à guerra. Para as trincheiras levei os meus lápis de côres. Nas primeiras linhas, no Iser, desenhava os nomes das tendas em todas as côres. Julgavam-me pintor de profissão. Depois fiz bilhetes postais, recordações das trincheiras: «A' minha querida companheira», «Aos meus queridos filhos», etc. Tôda a gente os queria, mesmo os oficiais! Voltei em 1916 para minha casa para trabalhar na mina. E recomecei a pintar. Desde então continuei sempre. Os guias dizem-me há algum tempo, pela escrita, que devo entrar numa segunda fase da minha pintura...»

Pareceu-nos de tal modo interessante esta narração que não resistimos a transcrevê-la, visto que a reprodução com palavras nossas lhe tiraria aquele cunho de autenticidade que faz dela uma convincente prova da realidade dos fenómenos, da boa fé e inteira passividade do médium, o que é, além disso, absolutamente comprovado pelos atestados passados pela administração do concelho e pelo Director da mina onde Lesage trabalhou durante tantos anos e pelo testemunho insuspeito de centenas de pessoas que o conhecem desde sempre. Lesage supõe ter sido inspirado por Leonardo de Vinci na execução dos seus primeiros trabalhos a óleo e ultimamente por Marius de Tyana, personalidade desconhecida, que pode bem representar um pseudónimo de algum pintor célebre. E, quem sabe se alguém com êsse nome terá na realidade existido? A sua primeira tela, aquela a que Lesage se refere na sua narração, medindo três metros por três, é, ao que todos afirmam, a mais perfeita de todas as que êle pintou. Os motivos decorativos multiplicam-se sem se reproduzir, desenhados e coloridos impecavelmente, representando

figuras decorativas orientais, na parte superior da tela, apresentando na parte inferior ornamentos que dão a impressão de tapetes, chales, sedas de tons admiráveis e habilíssimos desenhos. Vêm-se em alguns pontos da tela, galerias, pórticos, colunas, frisos de estilos antigos, dispostos e ligados com uma suprema arte e delicado gosto.

O que espanta os grandes pintores que observam esta tela é que, ao contrário do que seria de esperar num quadro de tão grandes dimensões, o motivo escolhido não esteja em harmonia com o tamanho da tela, mas seja um conjunto de variadíssimas e complicadas miniaturas de concepções decorativas de velhas civilizações, harmónicamente dispostas e originalmente associadas. Os quadros executados por êste médium são numerosos e há um ano eram em número de cinqüenta. Foi no Congresso Espírita de 1925 que as suas obras apareceram pela primeira vez em público, tendo causado a mais viva admiração, em consequência da qual tôda a imprensa espírita e profana se referiu aos trabalhos dêste médium.

Como se verá pelos quadros que reproduzimos, a sua maneira, acentuada primeiramente em muitas telas do tipo das que apresentamos em primeiro lugar, algumas das quais contistuíam uma «Representação simbólica do mundo espiritual», título com que foram admitidas pela Sociedade de Belas Artes, modificou-se sensivelmente no «*Espírito da Pirâmide*», quadro a propósito do qual já tínhamos falado nesta revista em Agostinho Lesage.

Nas experiências realizadas no Instituto Metapsíquico Internacional, com o fim de investigar e analisar scientíficamente as extraordinárias manifestações artísticas dêste médium, o Dr. Osty, verificou surpreendido que o médium em trabalho nada difere de qualquer pintor, sendo apenas a documentação de que se muniu e que confirma por completo a narração do mineiro que o levou a analisar tão estranhas faculdades que permitem a um indivíduo exhibir dotes artísticos inexistentes até então e para cuja exteriorização é necessário normalmente um estudo aturado e uma preparação cuidada.

A origem espiritual dêstes fenómenos é inteiramente verosímil, tanto mais que nas primeiras telas se multiplicam as inscrições alusivas aos grandes Instrutores da humanidade, Cristo, Moisés, Pitágoras, Platão, Krishna, etc. etc.

Um dos quadros, representando simbólicamente a história das religiões, contém uma legenda que constitui por assim dizer um apêlo à memória dos homens: «Lembra-te, homem!» Numa outra tela lê-se êste belo conceito espiritualista: «O pensamento de Deus é a origem das altas e sãs inspirações.» Ultimamente, porém, as inscrições são raras.

Quem, perante estas notabilíssimas manifestações de arte a que o médium se diz alheio, não aceitará a explicação espírita de tão interessantes fenómenos, como a mais verosímil para os explicar? O subconsciente é para os que fogem à interpretação espiritualista dos factos supranormais, o fundo único de que emanam as omnímodas manifestações metapsíquicas inteligentes. Essa explicação constituiria um sofístico absurdo se não se atribuisse um carácter de permanência à entidade espiritual cujas aquisições anteriores, registadas na memória integral, constituem o famoso subconsciente.

Se, pois, não quiséssemos atribuir à influência dos desincarnados tão extraordinárias manifestações artísticas, teríamos de as fazer depender dum conhecimento anterior, o que no caso presente seria ilógico visto que as manifestações cujos pródromos revelam bem uma intervenção de entidades espirituais extrínsecas ao médium, são conduzidas segundo características diversas, nas suas várias fases, sempre ignoradas pelo protagonista de fenómenos tão extraordinários. A teoria espírita é pois a mais verosimilmente adaptável ao caso em questão.

INQUÉRITO

VI



SR. ANDRÉ RIPERT
Secretário Geral da Federação Espírita
Internacional e Administrador da
«Maison des Spirites»

Damos hoje aos nossos leitores mais um interessante depoimento do inquérito que a «Revista de Espiritismo» está fazendo entre os vultos mais eminentes do Espiritismo contemporâneo.

Tem a palavra o eminente sociólogo francês sr. André Ripert, Secretário Geral da Federação Espírita Internacional e Administrador da «Maison des Spirites» que ao serviço do espiritismo tem posto abnegadamente, a sua prodigiosa actividade e os altos recursos do seu espírito.

Autor de alguns trabalhos notáveis, conferencista eloqüente, escritor consagrado, é um dos mais assíduos e ilustres colaboradores da «Revue Spirite». Os nossos leitores já tiveram ocasião de apreciar os seus excelentes dotes literários, através do artigo «O Professor Hans Driesch» que publicámos.

Como cheguei ao Espiritismo?

Da melhor vontade respondo à vossa pergunta: Como chegasteis ao Espiritismo? — Pela força e pela lógica das coisas.

Eu tenho-me ocupado — e continuo a ocupar-me — de sociologia. Como tantos outros, quis melhorar a sorte dos homens. Remontando o curso do meu raciocínio, a sociologia pediu-me uma moral, esta, uma psicologia e esta última, enfim, uma filosofia que seja coerente e explique a minha acção. A filosofia que melhor exprime a compreensão social é por consequência, segundo o meu modo de ver, a filosofia espírita, juntando-lhe, naturalmente, o conjunto de concepções modernas que iluminam uma doutrina tão velha como o mundo.

«O Espiritismo será científico ou não existirá»: — o mesmo é dizer que êle é destinado a estar sempre em evolução e a progredir como a própria ciência. O Budismo auxiliou-me poderosamente. A sua doutrina do karma e da reencarnação, tão clara, tão lógica, era já célebre quando nós não éramos senão selvagens, vivendo no fundo das florestas. Procurei ali e encontrei as fontes das minhas convicções actuais. Em seguida as obras

de Allan Kardec e de Léon Denis, para não citar senão essas, levaram-me aos trabalhos do Dr. Geley: « *L'Étre Subconscient* » e « *De l'Inconscient au Conscient* ». Assim se traçou a minha rota.

O que penso do Espiritismo e da sua influência sobre a evolução moral da humanidade? — A pergunta vem, muito felizmente, no momento oportuno, depois do nosso recente congresso em Londres. O Espiritismo será uma filosofia prática, viva e vivida pelos seus partidários. Antes de todo o discurso, antes de toda a protestaão os espíritas devem aplicar na sua conduta pessoal os princípios que ensinam aos outros. Fora disso ficaremos reduzidos a uma filosofia teórica, uma religião morta antes de ser nascida, impressa em alguns volumes condenados a dormir à sombra duma biblioteca.

Uma frase de um dos nossos mais ilustres prelados, Mgr. Baudrillart, resume admiravelmente a minha maneira de ver:

« A sociedade procura uma nova organização económica e social; os individuos, desamparados, uma direcção intelectual, moral e religiosa. A nova geração faltam idéas directoras capazes de se apoderarem dela e sem as quais ela não poderia realizar esta organização ».

O Espiritismo moderno satisfaz todas estas necessidades.

A organização do mundo está nas nossas mãos se, entretanto, pudermos primeiro reorganizar a nossa mentalidade e o nosso coração e fazer que os nossos actos estejam de acôrdo com a nossa doutrina.

A. RIPERT

O SONHO DE PROMETEU

(Extracto duma conferência)

É o *Sonho de Prometeu* que vos venho contar: um sonho de perfeição que a vida vai realizando parcial e progressivamente. O que vos posso dizer dêle é menos, muito menos, do que eu diria do mar se me limitasse a mostrar-vos uma gota de água turva. Mas é tão belo êsse sonho, tão intensa a sua luz, que êle há de scintilar, por certo, e emprestar o brilho das suas côres, à gota de água turva que vos trago.

Eu creio que o sonho é uma manifestação transcendente do pensamento, um aspecto virtual da existência que traz em si o pressentimento da realização. Por isso as intuições mais belas e mais profundas da vida foram sempre reveladas por aqueles que mais se elevaram acima do plano da matéria onde a forma densa encobre a realidade. Para voar é preciso ter asas, e o pensamento vôa... Se o pensamento tem penas, são penas próprias das asas das aves que estão cativas!

O Sonho de Prometeu é um sonho divino que o espaço e o tempo são pequenos para conter. Dentro do pouco tempo de que disponho agora, limitar-me hei a traçar as suas linhas gerais, esboçando-o vagamente, mas deixando adivinhar a beleza dos seus contornos e aspirar o seu perfume intenso.

Lá nos séculos distantes, na noite erma da consciência, quando já a vida se havia desdobrado em múltiplas e complexas formas, mas os seres obedeciam apenas às imposições brutais do instinto, um titan houve — *Prometeu* — que aos deuses roubou o fogo sagrado — o Verbo divino — para o trazer ao homem das cavernas. Foi o alvorecer do pensamento humano; entanto para Prometeu foi a hora do anoitecer. Tendo descido do Olimpo luminoso em que vivia e onde os horizontes eram infinitos, viu as sombras crescer e tomar vulto, a treva corporizar-se e a matéria forjar as cadeias que haviam de o agrilhoar.

E Prometeu dormiu, dormiu e sonhou! Durante o sono quebrou as algemas e os seus horizontes tornaram-se de novo ilimitados. Teve a visão larga dos séculos e viu a escada luminosa que o homem das cavernas havia de subir. Em cada patamar viu-se êle próprio, estendendo as mãos aos que subiam e transfigurando-se mais e sempre à medida que ia desfiando o seu almo sonho. Assim se viu incarnando várias personagens conforme o tempo e o lugar, guiado sempre pela mesma aspiração: divinizar o homem. A sua visão foi real. Vou procurar traduzi-la, embora pàlidamente, com os elementos que já possuímos da sua realidade.

Para o mundo tinha rompido a alvorada e o Sol brilhava diluindo as sombras da noite, fazendo palpitar a vida, matizando os prados, còrando as flores e acordando reflexos luminosos nos próprios minerais. O homem primitivo abandonou as cavernas, construíu cabanas e percorreu os campos; nómada, pastoreava rebanhos; sedentário, fez-se agricultor.

Prometeu tinha-lhe revelado o segrêdo da beleza: — o seu poder criador. E assim o homem começou por reproduzir as formas dos animais seus contemporâneos em desenhos gravados sôbre as paredes das cavernas, sôbre os ossos das renas e outros animais que devorava, ou sôbre o marfim do mamuth. Depois fez-se músico, limitando-se, primeiro, a reproduzir, na fruta pastoril, os ternos balidos dos rebanhos que apascentava, ou os deliciosos gorgeios das aves canoras; o brando ciciar dos zéfiros, ou o sibilar plangente do nordeste; os rumores melancólicos das selvas remansosas, ou o dôce murmúrio das águas correntes. Começou por reproduzir as formas e os sons que a Natureza lhe apresentava com mais freqüência, e em breve lhe confia também o segrêdo dos seus sonhos. A Natureza tornou-se o objecto do seu culto. O Sol divinizou-se: — era o deus criador que fecundava a Natureza com o seu pólen de luz. A Lua, essa, pàlida e fria, como as lágeas dos túmulos, era talvez, quem sabe? a deusa da morte que vinha de noite espreitar a vida, nos embriagos do sonho.

A arte primitiva é simples reprodução: é a visão superficial da beleza. Só mais tarde o homem se faz poeta e cantor. A sua filosofia deriva da sua arte: é naturalista. Através do *belo* começa a pressentir o *bem* que é, por assim dizer, a plena posse da beleza. O conceito dominante do seu pensamento recebe a iluminação interior, subjectiva-se. A visão superficial da beleza sucede, pouco a pouco, a sua intuição profunda. Procura então compreender o mistério que o envolve e interpretar os fenómenos naturais. Para qualquer lado que se volte, sempre a curva do horizonte lhe limita o conhecimento e espicaça a sua curiosidade. Se levanta os olhos para cima, o azul densíssimo restringe o domínio da sua visão. Para além, num mistério impenetrável, alguma coisa se esconde. Por isso, desde as épocas mais remotas, o homem teve sempre a intuição duma realidade oculta e transcendente.

E' Prometeu, como depositário do fogo sagrado, que há de dilatar as suas pupilas, pelos séculos em fora, revelando-lhe o segrêdo das lentes e alargando, cada vez mais, os seus horizontes. Mas não há telescópio bastante poderoso que possa abrir, de par em par, as portas do infinito, porque a

cegueira da humanidade é infinita também. O fantasma do desconhecido recua e foge, embrulha-se melhor no manto do mistério e não há pupila humana que o possa descobrir. É um mascarado terrível que nunca desafivela a máscara. Alimenta-se de treva e fala no silêncio. No mais íntimo das coisas a sua voz ecoa sempre: — « não me conheces ».

Prometeu quis satisfazer a curiosidade congénita do homem, e assim, ensinou-lhe a ler, no céu, os estranhos hieroglifos das constelações e construiu os primeiros sistemas cosmogónicos com carácter mitológico, compondo poemas religiosos duma encantadora beleza. Na Índia produz os Vedas, os Puranas, o Mahabarata e o Ramayana; na China compõe os Kíngs; no Japão, o Ni-Hon-Sio-Ki, o Ko-Zi-Ki e o Man-Yô-Siu; na Pérsia, o Zend-Avesta; nos países escandinavos, o Edda; entre os hebreus produz os livros do Antigo Testamento e a Kabala. No dobar dos tempos e entre os diferentes povos êle aparece transmigrando sempre, através de vários personagens. Na Índia constrói sistemas panteístas e chama-se Kapila e Patandjali; atinge um espiritualismo luminoso e chama-se Gotama, Kanada e Djaimini; mais tarde prega a renúncia e toma o nome de Buda. Na China chama-se Fo-Hi, Confúcio, Mêncio e Lao-Tseu. No Egito chama-se Hermes; na Pérsia, Zoroastro; Abraão e Moisés entre os hebreus.

Foi porém sôbre o solo fecundo da Grécia, onde a cúpula celeste é de um azul sem mancha, que Prometeu desdobrou melhor as asas do seu sonho num vôo imenso, descrevendo um ciclo prodigiosamente luminoso que define e resume a curva do pensamento. É essa curva que a vida vai reproduzindo mais e sempre cada vez em planos mais altos, numa ânsia formidável de subir e dinamizar as infinitas potencialidades que abriga no seu bendito seio.

Nos pródromos da civilização helénica, numa época remota que a história não abrange, mas a lenda conserva viva e palpitante na límpida corrente da tradição divinizadora do génio, surgiu Prometeu nas regiões da Trácia, Tessália e Beócia, fazendo acompanhar da lira as suas composições poéticas de carácter religioso, que comoviam os animais e as próprias pedras, com a doce magia da sua beleza. Então tomou os nomes de Lino, Oleu, Anfião, Museu e Orfeu. Depois cantou os feitos dos heróis e as lutas dos gigantes, na voz melodiosa dos *aedos* aqueanos. Homero e Hesíado são duas encarnações de Prometeu, que representam os dois polos da epopeia grega: a epopeia heróica na Jónia e a epopeia religiosa na Beócia. Um inspirou-se nas tradições heróicas que os *aedos* conservavam; o outro inspirou-se nas lendas religiosas dos cantores sagrados do divino Helicon. Mais tarde faz-se arquitecto e escultor para dar forma sensível às suas ideias. Os deuses têm formas gigantescas, mas humanas; os templos são colossais. Em breve o sentimento estético se equilibra e objectiva em proporções delicadas, graciosas, até atingir a sua expressão mais perfeita quando a plêiada brilhante dos filósofos consegue o prodígio da iluminação interior. Este movimento de ideias que tão profunda influência exerceu na arte e na vida grega resume-se em poucas palavras, e o mais extraordinário é que se desenvolveu também em pouco tempo.

No século VII antes da nossa era o saber atinge na Jónia um nível superior. A pluralidade sensível encontra, no conceito evolucionista dos jónios, a sua solução unitária. O conhecer seria a imagem transitória do sêr, e a variedade apenas o reflexo da sua fluência. A dialéctica dos eleatas, especialmente com os célebres sofismas de Zenão, veio complicar o problema negando a realidade do movimento. Por detrás das aparências illusórias e efémeras que constituem os fenómenos, existe um elemento real e permanente, invariável, apenas acessível ao pensamento. Entanto, ficava eternamente indeterminado e a experiência perdia todo o valor.

Os atomistas é que conseguem exprimir com clareza o conceito de matéria como fundamento de todos os fenómenos, embora tivessem reduzido o problema a estreitos limites. Por isso a escola de Abdera teve uma importância enorme no desenvolver do pensamento helénico. O atomismo representa uma tentativa brilhante de representação mecânica do Universo, a-pesar-de se apoiar em postulados metafísicos de que nenhum sistema pode libertar-se, por mais empirista que pretenda ser.

Os eleatas, negando o valor objectivo dos fenómenos, provocaram o deslocamento do problema do conhecimento para a própria sensibilidade do homem. Os sofistas assentam então sôbre a relatividade do conhecimento os princípios fundamentais da sua dialética. Se a sensação é o fenómeno que se vinca na consciência sem que saibamos qual a relação que existe entre ela e os objectos considerados em si mesmos, não podemos prescrutar a natureza exterior. Assim o mundo interior começa a preocupar a filosofia, rasgando os horizontes do humanismo de Sócrates e do idealismo de Platão. O atomismo, com o seu valor abstracto, estabelece a transição suave entre o objectivismo dos físicos jónios e o subjectivismo dos sensualistas; êste, por sua vez, abre as portas do idealismo.

Este movimento de ideias determina, naturalmente, a passagem da estética à moral, que é, por assim dizer, uma estética subjectiva, transcendental. Acima da beleza das formas está a beleza das almas. E' assim que o sonho de Prometeu atinge o seu ponto culminante de elevação e pureza. Mas a beleza das almas, para se poder apreciar precisa duma forma sensível. Então Prometeu incarna em Miron e Fídeas, Scopas e Praxíteles e povoa a Grécia de estátuas maravilhosas onde a vida palpita através da frigidez do mármore. Depois de tão longo contacto com a Grécia, deixa-a entregue aos seus próprios recursos, mas logo a decadência se acentua. Passa então para Alexandria onde derrama a sua luz em fulgurações geniais. E um dia, na Palestina, faz-se de novo menino para ensinar à humanidade transviada o caminho de Deus, iluminando-o com o seu fogo divino. Não lhe bastou ter sido agrilhado na matéria só para ensinar os homens a subir: foi também crucificado.

As estátuas vivas que Prometeu deixara na Grécia não bastaram para mostrar aos homens o valor da beleza. Hoje são cadáveres da beleza antiga. Só a estátua de martírio do grande crucificado — «alma que se fez carne para ser esculpida», na feliz expressão de António Ferro — podia ser uma estátua eternamente viva. Quando a cruz se ergueu no cêrro do Calvário vinha descendo a noite, e ao longe, na curva do horizonte, o Sol representava a tragédia sangrenta do poente.

A noite da Idade Média desceu com seu cortejo de sombras. Depois o movimento da Renascença derramou sôbre o mundo os primeiros arrebóis duma nova alvorada; e agora o sol vai alto, mas já começou a declinar. Cuidado! Procuremos o Caminho, em pleno dia, para que não nos surpreenda a noite que vier!

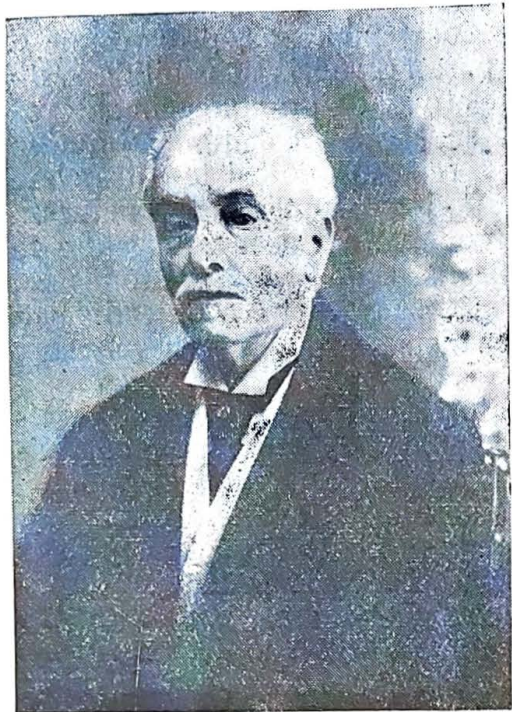
ANTÓNIO L. VILELA

ALLAN KARDEC

Passa no dia 31 de Março do corrente ano o 60.º aniversário da desincarnação de Allan Kardec, o erudito sistematizador do Espiritismo. A-pesar do extraordinário impulso que a metapsíquica tem dado ao estudo dos fenómenos supranormais, as obras do grande Mestre não perderam o seu carácter de flagrante actualidade, nem sequer envelheceram. E' êste, a nosso ver, o seu melhor elogio: no incessante turbilhonar da vida, só as grandes obras perduram.

Glória ao Mestre insigne!

Dr. Afonso A. Martins Velho



Não constituíu surpresa para os Corpos Gerentes da Federação Espírita Portuguesa o falecimento, no dia 21 de Janeiro p. p., do venerando Presidente da sua Direcção, o nosso querido Confrade, sr. Dr. Afonso Acácio Martins Velho. A sua idade avançada não poderia resistir a uma grave doença que já o minava, há anos, numa luta sem tréguas, restringindo, a seu pesar, o seu campo de dedicada e inteligente actividade adentro da Federação. A-pesar-de esperado, de dia para dia, este doloroso desenlace, nem por isso deixamos de sentir profundamente a saudade da sua partida e o desamparo do seu bom conselho.

Viveu e morreu na calma e luminosa serenidade do dever cumprido, sem oscilações de vaidade ou de egoísmo, inquebrantável na linha rectilínea dum Ideal, onde a morte e a vida se entrelaçam em eflorescências eternas e divinas, que soube apostolizar pela sua lúcida inteligência e bondoso coração numa

mesma aspiração contínua e coerente.

Foi um dos mais denodados e prestigiosos pioneiros e precursores do Espiritismo, em Portugal, nesses tempos heroicos em que os seus melhores adeptos eram apodados de loucos ou visionários.

Foi um investigador sagaz, aliando a uma técnica experimental impecável uma invulgar erudição, conhecendo admiravelmente os segredos práticos da aplicação do magnetismo ao estudo e observação dos fenómenos complexos do Espiritismo.

Escritor primoroso, as suas obras, das mais valiosas que se teem produzido em Portugal, impõem-se, dentro dum fino recorte literário, pela clareza e precisão descritivas aliadas a uma lógica irrefutável nas suas fecundas e luminosas conclusões de elevada espiritualidade.

Nascido na Certã em 1848, formou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo exercido a advocacia em Tomar, Elvas e Lisboa. Publicou sucessivamente: «O Espiritismo Contemporâneo»; «Manual de Magnetismo»; «As Potências Ocultas do Homem»; «Ocultismo e Magia»; e «Contos Maravilhosos». Colaborou (1905-1909) na revista espiritista — «Estudos Psíquicos» — de que foi director, o nosso saudoso confrade, Dr. Sousa Couto, ao lado de Maxwell, Rosa de Luna, Faget, Quintin Lopez, De Reyle, etc.

O Secretário Geral da Federação Espírita Portuguesa, sr. Pedro Cardia, representou a Direcção neste doloroso desenlace, tendo apresentado sentidas condolências á Ex.^{ma} Família do nosso querido e venerando Presidente, para quem pedimos fervorosas preces.

CRÓNICA ESTRANGEIRA

Experiências metapsíquicas nas catacumbas de Roma — O sr. Harry Price, Director do *National Laboratory of Psychical Research*, de Londres, conta no «*British Journal of psychical Research*» as interessantes experiências a que procedeu nas catacumbas de Santa Inês, em Roma.

Disposto a realizar algumas investigações psíquicas num meio que lhe pareceu particularmente favorável a excelentes resultados, procurou obter todas as facilidades para ser bem sucedido nesse empreendimento e, se não as conseguiu oficialmente, alcançou, porém, da parte de todas as entidades de quem dependia essa sua pretensão, uma simpática benevolência que muito contribuiu para os resultados atingidos. As experiências foram realizadas no outono do ano passado, quando a temperatura era ainda cá fora de 75° Fahrenheit, embora no interior das catacumbas fôsse de menos 30° Farh. como o sr. Price verificou com termógrafos de precisão.

Era sua intenção utilizar nas experiências a que ia proceder um médium de efeitos físicos; mas como o não tinha trazido de Londres, em virtude das grandes despesas que isso acarretava, depois de ter procurado inutilmente em Roma um médium desta natureza, a-pesar-de se ter dirigido aos espiritualistas mais em evidência dessa cidade, obteve apenas um médium com uma clarividência bastante lúcida que se prestou a realizar algumas experiências, a-pesar-do temor supersticioso que inspira a todos os italianos o ambiente das catacumbas. O que é certo é que o médium descreveu vários episódios da vida de Santa Inês, alguns dos quais em desacôrdo com a história da santa, segundo as descrições da Igreja, concordando todavia com dados históricos e um dêles com a representação que Tintoretto fez num dos seus belos quadros.

A primeira visão do médium figurava Santa Inês com a aparência de 19 anos, alta, magra, com lindos cabelos caídos até à cintura, olhos castanhos, sobrancelhas arqueadas, tez rosada, mãos pequenas e delicadas com compridos dedos, o que corresponde à clássica descrição da santa. Estava vestida com roupagens de linho alvíssimo, apanhadas por um cinto castanho e tinha a cabeça rodeada por uma fita. A visão seguinte representava um espaço *hall* em mármore, numa grande vila nos arredores de Roma, situada num outeiro, brotando no meio dos páteos uma fonte cristalina. Santa Inês ensinava as crianças, sentada numa almofada de púrpura. Como é sabido Santa Inês era filha de família muito nobre e rica.

Após o desaparecimento desta visão seguiu-se-lhe outra em que uma multidão compacta avançava pelas ruas estreitas que conduzem ao Forum Romano. Santa Inês mantinha a multidão em respeito, falando às turbas e fazendo conversões. Depois de se terem desenrolado várias scenas que nos é impossível reproduzir pelo seu número e complexidade, o médium vê o martírio da santa na cela duma prisão, o seu abandono ao furor da soldadesca nas abóbadas do Coliseu Romano e por fim a sua libertação por amigos que por ela velavam e no meio dos quais se introduziram dois centuriões embriagados que tentam raptá-la, travando combate, durante o qual a santa é prostrada sem vida. O médium visualiza em seguida as scenas que se seguiram à morte e o encerramento do cadáver no túmulo das catacumbas, à luz de lâmpadas de azeite e de velas.

Estas narrações foram corroboradas em grande parte pelo sr. T. Vincent Lane que se ocupou muito do estudo da vida de Santa Inês e tinha obtido sôbre ela numerosos dados históricos inteiramente concordantes.

Experiências de grafia do pensamento com médiuns japoneses — Uma das teses mais interessantes apresentadas no Congresso Espírita Internacional de Londres foi sem dúvida a do Dr. Fukuraï, professor da Universidade de Kohyasan e presidente do Instituto Psíquico do Japão que relata uma série de factos extraordinários observados com médiuns japoneses de possibilidades inexcedidas até ao momento presente. A «*Revue Métapsychique*» narra com minuciosos pormenores alguns dos mais interessantes fenómenos observados que dali extratamos.

As suas primeiras experiências com os médiuns Chiguko e Nagao datam de 1910 e foram narradas no seu livro «*The Clairvoyance and the Thoughtgraphy*». Em consequência da publicação das suas experiências, o Dr. Fukuraï sofreu os maiores dissabores, perseguido pelos sábios japoneses, sendo, por assim dizer, obrigado a pedir a demissão de professor da Universidade Imperial de Toquio para prosseguir o estudo dos fenómenos psíquicos, corajosa atitude esta que é digna dos mais encomiásticos louvores.

Uma das suas curiosas experiências foi a seguinte: — Tendo o Dr. Fukuraï fotografado um dia três caracteres chineses, a que chama ideogramas, embrulhou as placas com o

maior cuidado e enviou-as ao seu amigo, o prof. Kikuchi, para a cidade de Marugama onde mora M.^{me} Nagao. Juntou-lhe uma carta em tinta simpática que reproduzia os três caracteres fotografados, a qual estava envolvida num envelope lacrado que não devia ser aberto nem sair da posse do prof. Kikuchi antes da experiência ser tentada.

O resultado, relatado pelo prof. Kikuchi, foi o seguinte :

« O médium levou cêrca de 10 segundos a realizar a concentração do seu pensamento e quatro minutos depois escreveu três caracteres chineses. Dei imediatamente ordem ao meu criado para correr a minha casa e trazer-me o envelope contendo o desenho a tinta simpática (invisível). Tendo-o recebido, deslacrei-o e achei os mesmos caracteres que tinham sido escritos pelo médium. A côr da tinta tornou-se muito nítida quando o papel foi exposto ao calor. Durante a experiência a caixa que continha as placas, permaneceu na minha posse, não tendo sido tocada por ninguém durante a experiência ».

E', como se vê, um caso nítido de visão espiritual a distância que só uma clarividência muito notável poderia dar.

Uma experiência também muito interessante, é a de fotografar um determinado objecto e pedir ao médium que veja, na chapa não revelada, o objecto de que se trata, o que foi por várias vezes conseguido e levou, por uma série de circunstâncias, a descobrir a possibilidade de alguns médiuns, impressionarem placas envolvidas no seu envólucro de origem, sendo particularmente interessante a seguinte experiência :

— O sr. Koura, mestre da escola de Nishikatsura, na presença de oito dos seus colegas na sala grande do edificio, põe numa mesa sôbre o estrado, um pacote de 6 placas, completamente intacto. O médium Watanabe entra na sala e assenta-se a metro e meio da mesa. São escolhidos pelos experimentadores três desenhos a reproduzir e pede-se ao médium para imprimir na segunda das 6 placas o primeiro, na quinta o segundo e na sexta o terceiro.

O médium concentrou fortemente o seu espírito durante cinco minutos para imprimir a segunda chapa, outro tanto tempo para imprimir a quinta, e sete minutos para imprimir a sexta. As chapas foram então levadas por vários professores para a câmara escura da escola e depois de reveladas verificaram-se estes resultados surpreendentes: — Os caracteres chineses dirigidos para a segunda e quinta chapa apareceram gravados nas respectivas chapas ao fim de 5 a 10 minutos de banho, tendo na sexta chapa falhado a experiência, a-pesar-de se terem ocupado dela durante 18 minutos. Com o médium Mita chegaram a obter-se plenos resultados, perante 300 pessoas, à distância de 22 metros, em determinado ponto duma película fotográfica enrolada.

As investigações do Dr. Fukuraï têm prosseguido, estando actualmente de posse de 37 mentografias obtidas com o maior rigor scientifico. O Dr. Fukuraï, que é profundamente espiritualista, apoia nestas extraordinárias e interessantes experiências as suas conclusões, formulando uma tentativa de explicação de como o espirito transcende o espaço.

Oxalá os ensaios desta natureza se multipliquem e verifiquem, para que se possam vislumbrar as leis que regem os complexos fenómenos da mecânica transcendental do pensamento.

Curiosa fotografia psíquica — A « Fôlha do Norte » do Pará, narra um fenómeno muito curioso observado em Campanema, que transcrevemos :

« Festejava-se naquela localidade o mês de Maria e cada dia a ornamentação da Igreja ficava a cargo de uma das senhoras católicas do lugar. Já nas últimas solenidades, coube a vez a D. Maria Vicência, esposa do sr. Targino Bezerra, comerciante ali estabelecido. Essa senhora, desejando guardar uma lembrança do seu dia votivo, convidou o sr. António Cidreira, colector estadual de Campanema e sua esposa, bem como o padre José Maria do Lago para, num grupo, tirarem uma fotografia em frente do altar-mor.

O fotógrafo, sr. Joaquim Nunes, que também exerce naquela vila a profissão de barbeiro, tirou a chapa encomendada pela esposa do sr. Targino.

Ao imprimir, porém, as fotografias, verificou, com justificada surpresa, um vulto a mais no grupo. E todos os que examinaram a prova e a chapa, inclusivé o padre José Maria do Lago, também retratado na fotografia, não sabem dar explicação plausível do extraordinário fenómeno.

Daí atribuírem o caso à materialização, no acto de ser batida a chapa, de um espírito em cujos traços fisionómicos muitos julgam reconhecer uma pessoa há pouco falecida e relacionada por parentesco a um dos presentes àquele acto».

Este facto é autenticado pelo nosso dedicado Confrade, sr. Marques Arguelhes, secretário da Comissão Pró-Federação Espirita do Pará, que conhece as pessoas em questão, e constitui por isso uma prova excelente de fotografia psíquica que lamentamos não poder reproduzir por não ter a nitidez necessária para dar uma boa prova.

Amores desconhecidos de Napoleão — O médium Luigi Bellotti obteve algumas interessantes manifestações de Napoleão e teve a gentileza de referir a sua história a esta revista, enviando-nos fotografias dos desenhos que acompanharam êsses fenómenos, que dizem respeito a uma perturbadora paixão do grande cabo de guerra. A protagonista



Retrato de Napoleão Bonaparte — desenho do médium Luigi Bellotti (Fotografia tirada expressamente para a «Revista de Espiritismo»)

dêste desconhecido episódio dramático da vida de Napoleão era Tina de Rohan, jovem cantora que se exibiu num dos grandes teatros de Paris, e foi morrer à Rússia, vítima de uma congestão, quando ia ao encontro do imperador.

O médium Luigi Bellotti obteve como *apport* um manuscrito de 77 páginas, escrito na caligrafia de Napoleão e revelando o seu carácter, o seu pensamento, o seu espirito intuitivo, sendo omissos em várias letras e tendo palavras ligadas como os seus escritos eram em vida.

O manuscrito foi escrito em italiano, língua predilecta de Tina de Rohan, que, como ai se menciona, muito amava a Itália, o seu céu, a sua arte, a sua música, etc., etc. Depois de ter recebido o *apport* dêste manuscrito, o médium desenhou um retrato caricatural de Napoleão Bonaparte com a sua assinatura e um outro de Tina de Rohan que não podemos reproduzir por a fotografia estar muito apagada, documentos estes que constituem interessantes provas da comunicação de Napoleão.

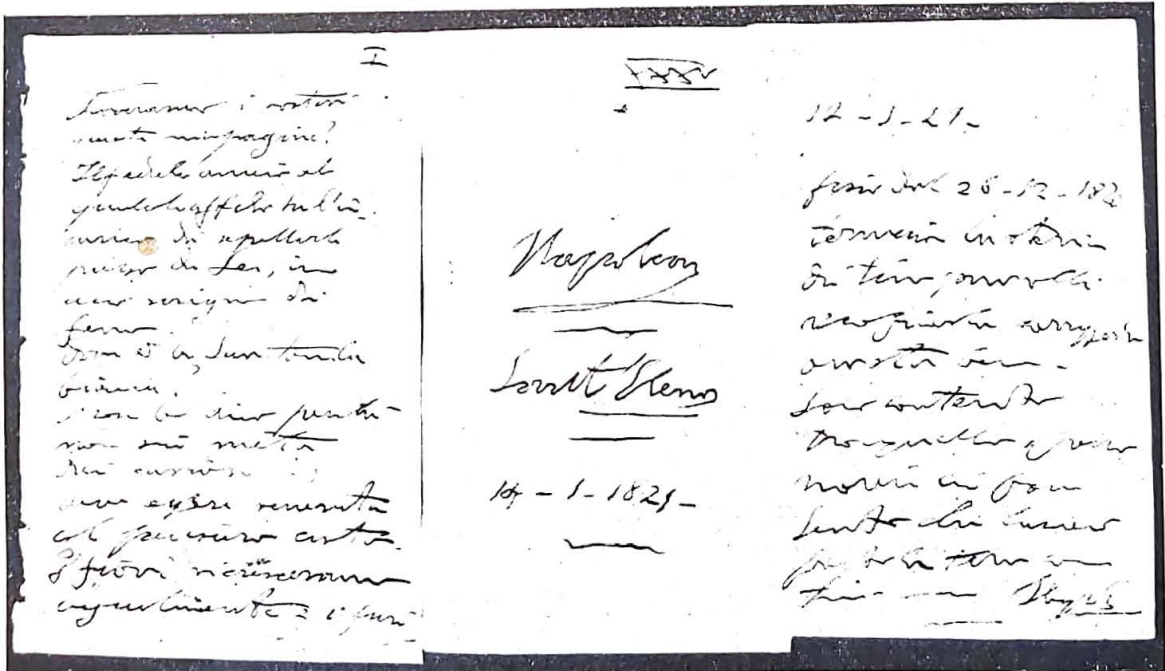
O manuscrito parece ter sido escrito em vida por Napoleão que o confiou a um amigo íntimo pouco tempo antes da morte, sob o juramento de que não o leria e o enterraria num cofre de ferro junto de uma determinada sepultura. Ele principia por estas palavras:

«Encontrarão os vindouros estas minhas páginas? Ao amigo fiel a quem o confio encargo de as sepultar perto «dela» num cofre de ferro. Onde é a sua sepultura? Não o digo para

que não seja objecto de curiosidade e ela deve ser venerada com pensamento casto. Sinto o meu fim terreno. Aos outros digo a minha história; as coisas íntimas escrevo-as eu. Porque escrevo em italiano? Penso agora que a Itália é a minha pátria».

Comunicações psicográficas obtidas por Bellotti afirmam que Tina de Rohan se acha agora reincarnada numa distinta familia italiana.

PEDRO CARDIA



Autógrafo de Napoleão obtido por *apport* — Médium: Luigi Bellotti (Fotografia inédita tirada expressamente para a «Revista de Espiritismo»)

FACTOS SUPRANORMAIS

Alma do outro mundo que tem posto em alvoroço a população de Charneca—

Sob este título transcrevemos do diário de Lisboa *O Século*, de 29 de Outubro do ano findo, o seguinte :

«A população da Charneca tem andado alvoroçada com um acontecimento «sobrenatural». E' assim mesmo como os habitantes explicam o caso. Trata-se do seguinte :

No primeiro andar do prédio n.º 8, do largo do Médico, na Charneca, residiam o sr. Elias Tavares, empregado bancário, e sua família, no lado direito, e o sr. Fernando Martins, condutor da Companhia Carris, no lado esquerdo, também com os seus. Viviam as duas famílias na melhor harmonia, quando, nos primeiros dias da semana finda, um acontecimento veio perturbar a tranqüillidade dos dois lares, acontecimento a que a própria população da freguesia não tem sido estranha. Foi o caso que encontrando-se a mulher do condutor, sr.^a Emilia Martins, em casa do sr. Elias Tavares, quando se dirigia à sua residência foi encontrar na cosinha, segundo elle diz, o vulto de uma senhora, vestida de preto, que, pouco a pouco, se evaporou como uma nuvem de fumo. A sr.^a Emilia, gritou, aterrada, com a estranha visita, e chamou os vizinhos. Procuraram por todos os cantos da casa, mas não viram mais o vulto.

Então, o sr. Elias Tavares principiou a notar que determinados objectos estavam fora dos seus lugares. Assim, um vestido da dona da casa que ella havia deixado no quarto appareceu na casa de jantar ; o reposteiro que separa duas divisões ora estava corrido, ora enrolado, sem que alguém lhe mexesse. E, quando chegaram à cozinha, caiu um banco, também sem que qualquer das pessoas lhe tocasse. Apoderou-se de todos um justificado pavor e correram para a habitação do lado.

A' noite, depois do estranho caso ter sido participado a várias pessoas que «não acreditam em almas do outro mundo», havia em frente do prédio uma verdadeira multidão. Choviam as opiniões, cada um defendendo a sua hipótese. Alguns dos mais destemidos ofereceram-se para entrar na residência do sr. Fernando Martins, enquanto, na rua, outros bramiam,

de varapau nas mãos, contra o demónio que tinha desassossegado aquella gente».

Os que entraram na casa sofreram também o susto. Percorrendo as dependências, verificaram que, de facto, alguma coisa de extraordinário havia, sem que o soubessem explicar. Na casa de jantar, collocaram uma cadeira encostada à mesa. O móvel não se «mexeu» enquanto todos o fixaram, mas, voltando a olhar, a cadeira caiu desamparadamente, fazendo com que todos se interrogassem em silêncio, amedrontados. Voltando à cosinha, essas mesmas pessoas «viram» um banco comprido a deslizar pelo soalho, como se alguém o empurrasse.

Nessa noite, os moradores do prédio não dormiram lá. Recorreram aos vizinhos. Seguiram-se os dias e sempre os mesmos estranhos acontecimentos, até que uma pessoa amiga do padre Filipe pediu ao reverendo que verificasse o «fenómeno», como alguns já lhe chamam. O pároco foi, mas saiu de lá sem saber explicar, o mistério. Também nesse momento, caiu um banco, também se ouviu ruido.

Uma mulherzinha da terra resolveu, então, encontrar explicação para o caso. Recorreu a uma senhora que «fala todos os dias para o outro mundo» e veio a saber que se trata de uma «alma transviada que entrou em casa do sr. Fernando Martins... por engano». A explicação, porém, não satisfaz os moradores do prédio, que resolveram abandoná-lo. O seu proprietário, sr. José Maria Caetano, declarou-nos que o caso não tem importância, e que tem pena de lá não ter entrado para, então, verificar o fundamento do mistério, no qual não acredita. Falámos com o criado do sr. Caetano, que tem o encargo de tratar do gado do patrão que occupa os baixos do prédio. Também nos disse que não tem dado por coisa alguma de extraordinário, acrescentando que talvez isso suceda, porque as «almas do outro mundo «não querem nada com as bestas».

A verdade é que o mistério continua e na Charneca não se fala noutra coisa, a pesar do acontecimento não se repetir, desde que os moradores abandonaram o prédio, como experiência, pois continuam a ser inquilinos.

Em virtude da acumulação de original e falta de espaço com que lutamos, não nos foi possível inserir neste número as condições do nosso CONCURSO DE CLARIVIDENCIA a que obsequiosamente se presta a illustre clarividente belga, M.^{me} Lagrange, o que faremos no próximo número

NOTICIÁRIO

Conferências doutrinárias e sessões experimentais na sede da F. E. P. — Na sede da Federação Espírita Portuguesa, realizaram-se nos últimos meses as seguintes conferências doutrinárias e sessões experimentais:

Janeiro :

Dia 6 — Sob a presidência do sr. Capitão Elídio da Encarnação Dias realizaram-se diálogos filosóficos entre a sr.^a D. Maria O'Neill e Dr. António J. Freire tomando para tema: «*Aspectos da Evolução Espiritual da Humanidade*».

Dia 13 — Sessão experimental. Director: António L. Vilela; médiuns J. L., I. F. e A. A. M.

Dia 20 — Sob a presidência do sr. Coronel José Augusto Faure da Rosa, realizaram-se diálogos filosóficos entre os srs. Dr. António J. Freire e Capitão Arnaldo Gomes Duarte, tomando para tema: «*Influência do Karma na actividade humana*».

Dia 27 — Sessão experimental. Director: Pedro Carreira Dias de Sousa; médiuns J. P. L. e I. C.

Fevereiro :

Dia 3 — Sob a presidência da sr.^a D. Maria Luiza de Melo Carneiro Zagalo Fernandes realizou-se a conferência: «*Flammarion e o Espiritismo*» — D. Madalena Frondoni Lacombe.

Dia 17 — Sessão experimental. Director: António L. Vilela; médiuns J. P. L. e I. C.

Dia 24 — Sob a presidência do sr. Comandante José Freire Grainha realizou-se a conferência: «*Psicó-análise e Espiritismo*» — António A. de Freitas e Silva.

Março :

Dia 3 — Sessão experimental. Director: D. Maria O'Neill; médiuns J. P. L. e I. Z.

Dia 10 — Sob a presidência do sr. Aires Vaz Raposo, realizou-se a conferência: «*O valor da prece*» — António L. Vilela.

Dia 17 — Sessão experimental. Director: Dr. António J. Freire; médiuns: J. P. L. e I. Z.

Dia 24 — Sob a presidência da sr.^a D. Amélia Ferreira Grilo, realizaram-se diálogos filosóficos entre a sr.^a D. Maria O'Neill e o sr. Dr. António J. Freire, tomando para tema: «*Centros etéricos do homem*».

Dia 31 — Sessão experimental. Director: D. Maria O'Neill; médiuns: J. P. L. e I. Z.

— O sr. Pedro Cardia tem continuado a fazer, às quintas-feiras à noite, interessantes prelecções sobre assuntos de capital importância, quer referentes à metapsíquica quer ao espiritismo acompanhadas de projecções luminosas. As suas últimas confe-

rências obedeceram aos seguintes temas: «*A Telepatia*», «*Percepções Supranormais*», «*A psicometria e a teoria do Eter-Deus*», «*A Clarividência*», «*Alguns clarividentes célebres*».

O sr. Capitão Arnaldo Gomes Duarte encetou também com feliz êxito as suas prelecções sobre o espiritismo, alternando com o sr. Pedro Cardia às quintas-feiras. O primeiro tema que desenvolveu foi «*O Perispirito*», cujo conhecimento é indispensável para a nítida compreensão dos fenómenos espíritos.

Comissões Federativas de Propagação da Espírita — Temos o subido prazer de registar hoje mais duas Comissões Federativas, constituídas por pessoas de notável relêvo social que dedicadamente nos veem trazer a sua fraternal colaboração. Só à custa de grandes dedicações e duma orientação sinérgica de esforços poderemos dignificar e propagar o sublime Ideal que defendemos, não deixando que os charlatães continuem a explorar ignóbilmente a boa fé dos incautos, aproveitando-se da ignorância geral no que respeita aos fenómenos supranormais.

Estas comissões ficaram assim constituídas:

Funchal (Ilha da Madeira) — Presidente, Dr. João Augusto de Freitas, médico e professor do liceu; Vice-presidente, Capitão-médico Dr. Lúcio Tolentino da Costa; Secretário, Humberto Nunes da Silva, comerciante.

Chibia (Africa Ocidental) — Presidente, José da Conceição do Nascimento; Vice-presidente, Narciso António Lopes; Secretário, D. Maria Inácia Tenreiro Grilo; Tesoureiro, José de Passos Dias; Vogais: José da Silva Carreira, António Nascimento, Guilherme Teixeira de Sá e João Martins Guerreiro.

Sede própria da F. E. P. — Como noticiámos no último número desta Revista, realizou-se no dia 3 de Fevereiro p. p. a escritura de compra do terreno para a sede da F. E. P. Em virtude da subscrição não permitir, por enquanto, que se dê início aos trabalhos de construção, a direcção da F. E. P. no desejo firme de dar realização imediata a tão importante empreendimento, apresentou no dia 5 de Janeiro último ao mui digno Conselho Superior Deliberativo a seguinte proposta que foi aprovada por unanimidade:

Considerando a urgente necessidade de solucionar a situação difícil em que se encontra a Federação devido à sua instalação deficiente, o que profundamente se reflecte na propaganda, a Direcção da Federação Espírita Portuguesa, invo-

cando as razões que justificaram a subscrição Pró-Sede, tem a honra de submeter ao Conselho Superior Deliberativo a seguinte proposta:

1.º — Que se estudem imediatamente os projectos e croquis do edificio, apresentados pelos nossos Consóciós, adaptáveis ao terreno adquirido por esta Federação, de modo a aproveitar as idéas de todos e a poder escolher-se o projecto definitivo, que se deverá apresentar dentro do mais curto lapso de tempo á apreciação da Câmara Municipal de Lisboa, com o requerimento da respectiva licença.

2.º — Que se proceda imediatamente e por empreitada aos trabalhos preliminares da terraplanagem.

3.º — Que se peçam orçamentos para a respectiva construção do edificio com o competente caderno de encargos.

4.º — Que se envidem todos os esforços para obter por empréstimo e sem juros, de Confrades generosos e dedicados, sucessivamente e á medida das necessidades da construção, isto é, nos prazos dos pagamentos das prestações da empreitada, e até ao prazo máximo que finda em 31 de Dezembro de 1929, as quantias necessárias, garantidas por meio de letras aceites pela Direcção da Federação Espirita Portuguesa com a data da emissão correspondente á data do pagamento e com o vencimento em 31 de Dezembro de 1929.

5.º — Que logo que esteja assegurado o financiamento da obra se inicie imediatamente a construção do edificio.

6.º — Que os encargos desta proposta só sejam autorizados se o financiamento da construção estiver assegurado até ao prazo máximo de 31 de Maio de 1929, de modo que o edificio, cuja construção pelo caderno de encargos não deve exceder seis meses, esteja pronto a ser habitado antes do fim do ano de 1929, para que a Federação Espirita Portuguesa, se porventura a subscrição não atingir cifra que cubra o montante do empréstimo, possa contrair sobre o edificio um empréstimo hipotecário em qualquer estabelecimento bancário e muito especialmente na Caixa Geral de Depósitos, cujo encargo de juro será certamente inferior ao encargo da renda actual.

7.º — Que se intensifique por todos os modos a angariação de donativos pela subscrição, que pagariam em primeiro lugar os empréstimos sem juros.

Lisboa, 26 de Dezembro de 1928.

A DIRECÇÃO

Revista de Espiritismo — Agradecendo aos nossos colegas da imprensa espirita e profana tanto nacional como estrangeira as suas amáveis referências, transcrevemos algumas apreciações:

Do jornal «O Século» — Lisboa:

«Acabamos de receber os cinco primeiros números da «Revista de Espiritismo», publicação bimestral, órgão da Federação Espirita Portuguesa. Trata-se duma publicação excelentemente redigida, dirigindo-a os srs. dr. Afonso Martins Velho, dr. António Freire e António Vilela.»

Do jornal «A Raça» — Lisboa

«Revista de Espiritismo» — Recebemos o último número de tão bela revista de psiquismo e metapsíquica, sciência que no estrangeiro é cultivada por sábios de grande valor na sciência oficial. A «Revista de Espiritismo» que tem nos seus corpos gerentes pessoas de notavel relevo intelectual no nosso país, representa entre nós a tentativa bem notavel de adoção da intelligência portuguesa ao estudo destas novas sciências. Apresenta-se bem redigida com artigos de António Freire, A. Vilela, Dr. Barros e Sousa e outros, não menos profundos.»

De «Voz do Além» — Beja:

«Completo o 2.º ano de existência a primorosa «Revista de Espiritismo» órgão da Federação Espirita Portuguesa. Como desde o seu inicio, mantem-se com o mesmo aspecto grafico que rivaliza com as melhores revistas congêneres do estrangeiro.

Com uma orientação profundamente scientifica e de valiosa e escolhida colaboração, a «Revista de Espiritismo» destaca-se como um dos mais bem feitos órgãos da imprensa espirita mundial.»

De «A Luz» — Maceió (Brasil):

«Revista de Espiritismo» — Temos em mãos o número de Maio-Junho d'este ano, dessa excelente publicação da Federação Espirita Portuguesa, com sede em Lisboa.

Como sempre, a «Revista de Espiritismo» vem trazendo preciosissima colaboração original, versando os mais profundos estudos filosófico-científicos interessantíssimos não sómente ao Espiritismo, como a todas as escolas avançadas do Neo-Espiritualismo e trazendo também vasto noticiário atinente aos progressos do Espiritismo por toda a parte.

Louvando o esforço dos confrades da Federação Espirita Portuguesa para trazerem á propagação neo-espiritualista o valioso contingente de sabedoria que a sua «Revista» é, mais uma vez recomendamos, insistentemente aos nossos confrades brasileiros, aquela excelente publicação — sem favores a melhor, no género, em lingua portuguesa e uma das mais úteis ao Espiritismo, de quantas se publicam em todos os países.»

Serões de arte — A Direcção da F. E. P. está organizando serões de arte, na sua sede, cujos números serão constituídos por palestras sobre arte, recitações de poesias, música e canto. E' com subido prazer que a Direcção aceita o concurso dos seus dedicados consóciós para poder abrilhantar estas pequenas festas de confraternização conseguindo assim que elas se realizem semanalmente. Devido ao gentil assentimento da nossa illustre Confrade e distinta professora de canto, sr.^a D. Maria Madre de Deus Leite Diniz, e das brilhantes pianistas, sr.^{as} D. Ilda Cardoso e D. Lina Cardoso, já tiveram inicio com grande brilhantismo, estes serões de arte, contando ainda com a colaboração da consagrada artista teatral sr.^a D. Leonor de Eça e outros nossos Confrades.

Centro Espirita «Reflexos da Verdade» — A assembleia geral d'este centro federado com sede em Beja, nomeou os seguintes corpos gerentes:

Assembleia geral: Presidente, João Vicente Freitas; Vice-presidente, Artur Matias Nunes; 1.º Secretário, D. Avelina Correia Pereira; 2.º Secretário, Luis da Piedade Gomes. *Direcção*: Presidente, José Zarco Júnior; Secretário, José Baptista da Silva; Tesoureiro, D. Eustáquia Carneiro Chaves. *Vogais*: Mário Oliveira Macedo e Mariano Feliciano Neves. *Conselho Fiscal*: Presidente, António Mestre; Assucena; Relator, Francisco Maria Carapinha; Secretário, João Francisco Rosa Carvalho.

Os seus nomes são garantia segura de que saberão imprimir áquele Centro uma orientação intelligente e digna colaborando connosco com a lealdade que devera ser o timbre de todos nós.

Centro Espírita «Luz»—Este importante núcleo espírita de Coimbra, recentemente organizado devido aos perseverantes esforços de dedicados Confrades, reuniu a sua assembleia geral no dia 26 de Janeiro findo, tendo-se procedido à eleição da nova direcção que ficou assim constituída:

Presidente, António Gonçalves Grana-deiro; Vice-presidente, Capitão António Joaquim Ferreira Pomba; 1.º Secretário, Angelo Lameiras Fernandes; 2.º Secretário, José Vieira Cantante; Tesoureiro, Alfredo Lopes Xisto; Vogais: Aurélio António Ferreira e Daniel de Campos Contente.

Da actividade e orientação da propaganda que êste Centro tem realizado, a-pesarda sua curta existência, fala bem alto o extraordinário desenvolvimento que o Espiritismo vai tomando naquela cidade.

Grupo Espírita de Viana do Castelo

— O nosso dedicado Confrade sr. João Leão Quartin teve a gentil deferência de nos comunicar a fundação dêste grupo espírita que será o núcleo de irradiação da nossa propaganda naquela cidade.

A êste nosso confrade se deve tão valiosa iniciativa, digna de todo o nosso apreço. A Direcção do grupo ficou assim constituída:

Presidente, João Leão Quartin; Secretário, D. Carolina Augusta de Castro; Vogais: Francisco das Dores e Castro, Capitão Veríssimo José da Silva e Costa, Tenente Joaquim Tristão Pereira Pimenta de Castro.

Centro Espírita «Luz e Verdade», Matosinhos — Com uma saudação à Federação Espírita Portuguesa comunicou-nos êste Centro a sua nova Direcção que ficou assim constituída:

Presidente honorário, Major Salvador Jerónimo da Silva; presidente, Djalma Fernandes; Vice-presidente, Carlos Santos Anunciação; Secretário geral, António Leal; 1.º Secretário, Armando de Oliveira; 2.º Secretário, Alberto A. Silva; Tesoureiro, D. Isolina Coelho da Silva; Presidente do Conselho Fiscal, Agostinho Fernandes.

Agradecendo a sua saudação, fazemos votos a Deus pelas muitas prosperidades do Centro que connosco trabalha em prol da mesma Causa.

Trabalhos de propagação — Está em distribuição um novo folheto editado pela Federação Espírita Portuguesa sob o título «*A Morte é Vida*», sendo a sua tiragem de 7.000 exemplares visto que os 5.000 exemplares do «*Catecismo Neo-Espiritualista*» se esgotaram em pouco tempo. Além disso a Federação tem editado folhas volantes que muito teem intensificado a nossa propaganda com as suas enormes tiragens.

Os efeitos desta activa propaganda já se fazem sentir nitidamente pelo respeito que o espiritismo vai merecendo às pessoas cultas do nosso meio.

Grupos Espíritas que visitam a F. E. P. — Num lindo gesto de confraternização que muito nos cativou, visitaram a Federação Espírita Portuguesa o Grupo «*Fé e Caridade*», do Centro Espírita de Leiria de que é presidente o nosso dedicado Confrade sr. Avelino da Silva Fernandes e o Grupo «*Fé e Caridade*» de Faro de que é director o nosso prezado Confrade sr. José Jacinto Padre Júnior, actual presidente da União Espírita Algarvia.

Ambos estes grupos realizaram sessões na sede da F. E. P. com os seus respectivos médiuns os srs. D. Adolfinha Carriço Portugal que revelou as suas notáveis faculdades medianímicas e Ernesto Barracoso, médium em desenvolvimento que devidamente treinado deverá produzir trabalhos apreciáveis.

Conferência de propagação Espírita

— Por iniciativa da Comissão Federativa de Propaganda Espírita do Barreiro de que é presidente o nosso dedicado Confrade sr. Comandante Crispim Alfredo Alves, realizou-se no dia 22 de Março uma conferência pública, no Cine-Teatro (Casa dos Ferrôviários) daquela populosa vila, sob o tema «*Influência Social do Espiritismo*», com uma assistência de cerca de mil e quinhentas pessoas, sendo conferente o sr. Dr. António J. Freire.

A extraordinária concorrência a esta conferência, estando inteiramente repleto o teatro, mostra bem o interesse que o espiritismo está despertando em todos os meios sociais.

«**Flammarion e o Espiritismo**» — Foi muito interessante a conferência que sob êste tema a nossa ilustrada sr.ª D. Madalena Frondoni Lacombe, realizou na sede da F. E. P. Ninguém melhor do que esta senhora poderia falar do grande pensador francês, pelas relações de amizade que a ligavam tanto a êle como a M.^{me} Flammarion com quem mantém o mais íntimo convívio espiritual através duma abundante e valiosa correspondência. A consagrada escritora referiu-se, também na sua bela conferência, aos fenómenos que obteve em Itália com o extraordinário médium Eusábia Paladino.

Depois desta conferência, a consagrada artista e distinta professora de canto sr.ª D. Julie'a Bensaude acompanhou ao piano a sua discipula sr.ª D. Maria Luiza Pacheco Costa que cantou, com notável brilhantismo, alguns trechos de autores clássicos entre os quais a encantadora *Avé Maria* de Gounot.

Comissão Organizadora do 2.º Congresso Espírita Português — O Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa em sua última sessão nomeou a Comissão encarregada de realizar êste importante Congresso que deve constituir um notável acontecimento. A referida Comissão ficou assim constituída: General Júlio César Barata Feyo, Dr. José Gonçalves Tei-

xeira, Coronel-médico Dr. J. Serrão de Azevedo, Engenheiro agrônomo José Manique de Albuquerque, Comandante Pedro C. Dias de Sousa, Dr. António J. Freire, Pedro Cardia e António L. Vilela.

«**Ecos do Além**» — Completou mais um ano de gloriosa existência esta interessante revista, decano da Imprensa espírita Portuguesa, a quem enviamos por êsse motivo as nossas fraternais saudações.

Movimento Espírita em Chibia (África Ocidental) — Os espíritas de Chibia reunidos em Assembleia Geral elegeram a Comissão Federativa de Propaganda Espírita do seu concelho que noutra logar mencionamos, e tomaram as seguintes resoluções:

- 1.^a — Intensificar a propaganda do Espiritismo;
- 2.^a — Conseguir sócios para a Federação Espírita Portuguesa;
- 3.^a — Promover sessões experimentais;
- 4.^a — Realizar sessões todos os sábados;
- 5.^a — Inscrever como sócios da Federação Espírita Portuguesa todos os Confrades presentes em numero de dezanove;
- 6.^a — Convocar uma nova Assembleia Geral a-fim-de inscrever maior número de sócios e resolver sobre os trabalhos a realizar;
- 7.^a — Enviar à F. E. P. cópia da acta.

Nesta época de desagregação social em que poucos compreendem os seus deveres de fraternidade, a atitude dos nossos Confrades de Chibia é duplamente edificante. E' assim com factos, e não com palavras que os actos desmentem, que se prova a dedicação ao ideal que apregoamos.

Participações — Elegeram ultimamente os seus novos corpos gerentes e tiveram a gentileza de nos comunicar a sua constituição as seguintes colectividades espíritas:

- União Espírita Bahiana* — Bahia, Brasil;
- União Espírita Paraense* — Pará, Brasil;
- Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul* — Pôrto Alegre, Brasil;
- Sociedad Benéfica Espiritista* — Manzanillo, Cuba;
- Centro Espírita «Henrique José de Melo»* — Vitória (Espírito Santo), Brasil;
- Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo* — Florianópolis (Santa Catarina), Brasil;
- Centro Espírita Maranhense* — S. Luís, Maranhão, Brasil;
- Sociedade Espírita Paz e Amor* — Pôrto Alegre, Brasil.
- Grupo de Estudos psicológicos «Raúl»* — Matanzas, Cuba.

Endereçando aos dignos dirigentes destas colectividades, as nossas fraternais saudações, fazemos votos a Deus pelas suas muitas prosperidades.

Revista Espírita do Brazil — Iniciou a sua publicação no dia 1 de Janeiro último esta interessante Revista mensal, órgão da Liga Espírita do Brasil. Tendo à sua frente os nossos ilustres Confrades srs. João Torres, Jonathas Botelho e J. C. Moreira Guimarães, pessoas de notável relêvo no meio espírita brasileiro, apresenta-se com excelente aspecto gráfico e variada colaboração, o que lhe assegura um completo triunfo.

Ao nosso colega apresentamos as nossas fraternais saudações, fazendo votos a Deus pelas suas muitas prosperidades, para que seja fecundo o seu esforço em prol da nossa causa.

O Espiritismo no Brazil — Solicitaram o seu ingresso no seio da Federação Espírita Brasileira, tendo sido aprovados por unanimidade os respectivos requerimentos, as seguintes colectividades espíritas do Brazil: — *Aliança Espírita Santamariense*, com sede em Santa Maria; *Aliança Espírita de Bajé, Centro E. «Caminho da Luz»*, Centro E. «Francisco Costa», Tenda E. «Vicente de Paulo», Centro E. «Luz e Amor a Jesus», todos com sede em Bagé; e *Centro Espírita de Lavras*.

— O Centro «Dr. Dias da Cruz» com sede em Iguatú, Ceará, fundou ultimamente uma escola de instrução primária, gratuita, que funciona na sua sede, fornecendo aos alunos mais necessitados todo o material escolar.

— O grupo espírita «Sinceridade e Fé» de Albuquerque Lins, São Paulo, abriu também, na sua sede, uma escola mixta de ensino primário, gratuito.

— O nosso dedicado Confrade sr. Angel Aguarod, realizou uma interessante viagem de propaganda pelo interior do Rio Grande do Sul, durante a qual fez numerosas conferências, sendo os seus esforços coroados do melhor êxito.

— Também o nosso prezado Confrade sr. Almerindo Martins de Castro fez uma notável conferência na sede da Federação Espírita Brasileira, que o nosso colega «Reformador» está publicando, sob o título «Santos que pregaram doutrina Espírita».

— Está-se agitando a idéa da criação dum «Liceu Espírita» cujo método pedagógico tenha horizontes mais largos ensinando às crianças as verdades eternas que podem guiar firmemente os seus passos, encaminhando-as e orientando-as de modo a realizarem, no mundo, o objectivo da sua vida.

— O Centro Espírita «Jesus» de Pelotas, Rio Grande do Sul, inaugurou solenemente a sua sede própria no dia 29 de Outubro p. p.

— Foi fundado recentemente, em Pelotas, o Orfanato «Conceição Barbosa Dias», cujo nome traduz uma justa homenagem à memória da caridosa senhora que legou, para êsse fim, todos os seus haveres, tendo encarregado algumas senhoras espíritas de dar realização aos seus desejos.

— No *Abrigo Teresa de Jesus* continuam a realizar-se, mensalmente, conferências públicas de propaganda espírita muito concorridas e apreciadas. As últimas conferências ali realizadas nos meses de Novembro e Dezembro foram: — «*Sciência e Religião*» pelo Dr. Mário Costa; «*O Espiritismo e a Sciência*» pelo Dr. Rubem Gomes Pereira, lente de Matemática e História Natural e membro efectivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

— Realizou-se o 1.º Congresso Espírita de Alagoas que decorreu com extraordinária concorrência e invulgar brilhantismo. Presidiu ao Congresso o nosso ilustre Confrade Dr. Barbosa Júnior, que abriu a sessão solene com um elegante discurso, seguindo-se-lhe no uso da palavra os consagrados oradores, Professor Auryno Maciel, Coronel Manuel Zeferino dos Santos e Djalma da Trindade. O secretário do Congresso era o nosso dedicado Confrade sr. Euripedes Tenório de Lima.

— Ingressou no seio da F. E. B., tomando o número 114, o *Grémio Espírita de Beneficência* que além duma secção de assistência aos necessitados sustenta um albergue que no ano findo abrigou 2.132 pessoas de várias nacionalidades; o asilo «*Santo Agostinho*»; um hospital; e o Colégio «*Ismael*» equiparado às escolas públicas do 2.º grau. A sua sede é em Barra do Pirahy, Estado do Rio de Janeiro.

— Ingressou também no seio da F. E. B., o *Centro Espírita «Ismael»* com sede em Ubá (Minas Gerais) tomando o número 115

O Espiritismo em Espanha — Não podendo vencer as dificuldades que se opõem à realização do Congresso Espírita de Barcelona, a Federação Espírita Espanhola pensa empregar, todo o capital que se destinava à organização daquele Congresso, na publicação dum livro em que estejam compendiosos todos os assuntos referentes ao Espiritismo. Trata-se duma obra de grande fôlgo, tendo sido a Federação Espírita Portuguesa, gentilmente convidada a colaborar nela.

— A importante revista «*La Luz del Porvenir*», órgão da Federação Espírita Espanhola, teve a cativante gentileza de consagrar, no seu número de Novembro, as suas páginas de honra à Federação Espírita Portuguesa, que desvanecidamente agradecemos.

— A F. E. E. reingressou no seio da Federação Espírita Internacional donde esteve afastada durante algum tempo, tendo sido amavelmente confiadas à Federação Espírita Portuguesa as negociações necessárias para se obter uma solução conciliatória. A *Luz del Porvenir* de Novembro findo na *Secção Oficial* regista um voto de agradecimento ao sr. Pedro Cardia, secretário geral da F. E. P., pelo zêlo e feliz êxito da sua intervenção.

— O ilustre professor Asmara, presidente da F. E. E., efectuou uma interessante conferência no Centro «*Fraternidad Humana*», de Tarrasa, sob o tema «*Los fenóme-*

nos psicicos», que foi muito apreciada.

— Em Sevilha está-se organizando um importante Centro de Estudos Psíquicos.

O Espiritismo em França — Promovido pela «*Union Spiritualiste du Sud-Ouest*» com sede em Bordeus, realizou o eminente sábio e escritor Dr. J. Maxwell uma interessante conferência sob o tema: «*A Telepatia*».

— O ilustre engenheiro sr. Andry-Bourgeois efectuou uma notável conferência na «*Maisons des Spirites*» de Paris sob o título: «*Sintese integral. Involução. Evolução*», que constituiu um verdadeiro successo.

Necrologia — Karl Krall e o Dr. Schrenck-Notzing — As sciências psíquicas acabam de sofrer duas grandes perdas: a de Karl Krall que foi, além de metapsiquista ilustre o iniciador dos ensaios sôbre a psicologia animal, conseguindo demonstrar em numerosos exemplares as manifestações inteligentes dos animais; e o Dr. Schrenck-Notzing que desde muito novo se interessou pelos fenómenos psíquicos, tendo estudado primeiro os de ordem subjectiva e depois dedicando-se aos fenómenos objectivos com uma competência e um rigor que lhe grangearam um renome mundial.

Os trabalhos do barão de Schrenck-Notzing de colaboração com M.^{me} Bisson, para o estudo de mediunidade de Eva Carrière (Marthe Berand) foram publicados por ambos estes autores em francês e alemão e contribuíram largamente para difundir o conhecimento dos fenómenos da mediunidade.

A Questão Romana — Agora que a imprensa mundial se refere a esta célebre questão e em que os jornais católicos enaltecem o valor da politica de Mussolini que lhe pôs termo, parece-nos interessante publicar a famosa bula de excomunhão com que Pio IX pretendeu fulminar o rei Victor Manuel. E' um documento formidável que define bem o espirito da Igreja.

Reproduzimo-lo sem comentários:

«*Pela autoridade do Todo-Poderoso Deus, o Pai, o Filho e o Espirito Santo; e dos sagrados cânones, e da immaculada Virgem Maria, Mãe e Ama do nosso Salvador, e das virtudes celestiais, anjos, arcanjos, tronos, dominios, potências, querubins e serafins; e de todos os santos patriarcas e profetas, e dos apóstolos e evangelistas, e dos santos inocentes que, à vista do Santo Cordeiro, são achados dignos de cantar o cântico novo; e dos santos mártires e santos confesores, e das santas virgens e dos santos, juntos com todos os santos e eleitos de Deus: Nós o excomungamos e anatematizamos, e do limiar da santa igreja de Deus Todo Poderoso nós o sequestramos, para que seja atormentado em excruciantes tormentos eternos junto com Dathan e Abiram*

e com aqueles que dizem ao Senhor Deus : Aparta-te de nós, que não desejamos nenhum dos teus conselhos. E assim como o fogo é extinto pela água, assim para sempre se apague a sua luz. Seja amaldiçoado pelo Pai, Filho e Espírito Santo. E seja danado onde quer que se encontre : na casa ou no campo, na estrada ou em atalho, em terra ou na água ou na igreja. Que a Virgem Maria, S. Miguel, S. João, S. Pedro, S. Paulo e o côro das santas rirgens o amaldiçoem ; maldito na vida e na morte, ao comer e ao beber, com fome ou com sede, a tosquenejar ou a dormir, vigiando ou andando, em pé ou sentado ou deitado ou sangrando. Seja maldito no seu cérebro e maldito em todas as suas faculdades, maldito interna e externamente, maldito no cabelo e na corôa da

cabeça, nas fontes, na fronte e nas orelhas ; nas sobranceiras e nas faces e nos queixos e nas ventas ; nos dentes da frente e nos queixais ; nos lábios e na garganta ; nos ombros e nos pulsos ; nos braços, nas mãos e nos dedos. Seja danado na boca e no peito, no coração e em todas as visceras do seu corpo. Danado nas veias, nas virilhas e nas coxas e nos quadris ; nos joelhos, nas pernas, nos pés e nas unhas dos pés. Seja maldito em todas as suas juntas e articulações do seu corpo. Da Corôa da cabeça às plantas dos seus pés nem uma só parte haja sã. Que o Filho de Deus vivo com toda a glória da sua magestade o amaldiçoie, que o Céu, com todos os poderes que nele se movem se ergam contra êle, o amaldiçoem e o danem. Amen. Assim seja. Amen.»

Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa

(Para a construção de edificio próprio)

Transporte — 41.470\$00 ; António José da Fonseca Moreira, Rio de Janeiro — 10.000\$00 ; Comandante José Freire Grainha — 1.200\$00 ; J. P. S., Lisboa — 100\$00 ; Luís António Branco — 100\$00 ; Júlio Magalhães — 5\$00 ; Celeste Monteiro — 2\$50 ; Joaquim Monteiro — 2\$50 ; A. Sampaio — 5\$00 ; Elisa de Sequeira — 5\$00 ; D. Guilhermina — 2\$50 ; D. Júlia Argos — 2\$50 ; Albano Dias Gomes da Silva — 2\$50 ; José António Manique de Albuquerque — 200\$00 ; V. S., Lisboa — 20\$00 ; Augusto dos Santos Sal, Pôrto — 50\$00 ; Jean Meyer, Beziers, França — 870\$00 ; D. Vitória Jesus dos Santos, Lisboa — 10\$00 ; Fernando da Cruz Ferreira, Pôrto — 1.000\$00 ; Victor Carvalho da Silva, Lisboa — 100\$00 ; Evencio dos Santos — 100\$00 ; César Gonçalves — 50\$00 ; D. Ofélia de Carvalho Gonçalves — 50\$00 ; Eduardo José Dias, Pôrto — 50\$00 ; D. Augusta Ribeiro da Silva, Lisboa — 12\$00 ; D. Maria Monteiro, Lisboa — 20\$00 ; D. Honorina Cunha — 2\$00 ; Manuel Trindade dos Santos — 40\$00 ; João Freire de Oliveira — 20\$00 ; Alvaro Franco Neto — 5\$00 ; M. C. Lamelas — 25\$00 ; A. Amaral — 5\$00 ; Mário Gonçalves de Almeida, Povoia de Varzim — 20\$00 ; Leonardo da Mata — 20\$00 ; Manuel José de Faria — 20\$00 ; José Rodrigues Laureano, Aldegalega — 20\$00 ; António Nunes Mendes — 30\$00 ; Alfredo Nunes — 20\$00 ; Alfredo Maria da Silva Flores, Vendas Novas — 20\$00 ; D. Honorina Oliveira Clemente — 5\$00 ; João José Alves — 30\$00. **Soma** 55.711\$50.

Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

Janeiro e Fevereiro

António Sebastião Monteiro, Moçambique — 40\$00 ; Oriente, Lisboa — 10\$00 ; Manuel Simões, Ceira — 1\$00 ; Joaquim Martins Gonçalves, Loivo — 5\$00 ; José Henrique Salati, Lisboa — 5\$00 ; D. Palmira Amorim Armas, Santa Cruz, Flores — 25\$00 ; D. Rita de Sousa Padua, Vila Real de Santo António — 5\$00 ; Victor Sacavem, Rio Grande do Sul-Brasil — 80\$00 ; António Sebastião Monteiro, Moçambique — 20\$00 ; D. Maria da Costa, Lisboa, — 5\$00 ; Joaquim Parreira Espada Calapez, Vila Viçosa — 20\$00 ; António Cerqueira, Loanda — 16\$00 ; Augusto da Silva Lisboa, S. Paulo-Brasil — 14\$00 ; D. Maria Emilia G. Viana, Tomar — 2\$00 ; Evaristo Luciano, Macau — 50\$00 ; João Correia Baptista, Alcacer do Sal — 50\$00 ; Alfredo Lopes Xisto, Coimbra — 40\$00 ; P. S. N. S., Lisboa — 100\$00 ; José da Rocha Brandão, Vila Nova de Gaia — 5\$00 ; Grupo Espírita Fé Esperança, Lisboa — 20\$00 ; Manuel Inácio de Resende, Macau — 101\$00 ; Manuel C. Fonseca, New Bedford E. U. A. — 19\$40 ; D. Maria Inácia Ferreira Grilo, Chibia-Angola — 50\$00 ; D. Francisca Amorós, Barcelona — 18\$00 ; Oriente, Lisboa — 5\$00 ; Maria Carlota da Azevedo, Sintra — 5\$00 ; António Gonçalves Almeirim — 5\$00 ; Paulino J. P. Cardoso, Vizeu — 35\$00 ; Firmino da Assunção Teixeira — 400\$00 ; C. V. I., Estoril — 200\$00.